



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CURSO DE GEOGRAFIA-LICENCIATURA
*CAMPUS ERECHIM***

SANDRA MARIA CESLAK BORTOLASSI

**AS AGRICULTORAS FAMILIARES DA “TRILHA DO IMIGRANTE”:
ROTEIRO TURÍSTICOCAMINHOS POLONESES/ÁUREA-RS**

**ERECHIM-RS
2018**

SANDRA MARIA CESLAK BORTOLASSI

**AS AGRICULTORAS FAMILIARES DA “TRILHA DO IMIGRANTE”:
ROTEIRO TURÍSTICO
CAMINHOS POLONESES/ÁUREA-RS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Geografia-
Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para
obtenção do título de licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Éverton de Moraes Kozenieski

ERECHIM – RS

2018

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Bortolassi, Sandra Maria Ceslak
As Agricultoras Familiares da "Trilha do Imigrante":
Roteiro Turístico Caminhos Poloneses/Áurea-RS / Sandra
Maria Ceslak Bortolassi. -- 2018.
77 f.:il.

Orientador: Professor Doutor éverton de Moraes
Kozenieski.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Geografia-Licenciatura, Erechim, RS, 2018.

1. Turismo. 2. Turismo rural. 3. Agricultura
Familiar. 4. Mulheres na Agricultura Familiar. 5.
Territorialidades. I. Kozenieski, éverton de Moraes,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

SANDRA MARIA CESLAK BORTOLASSI

**AS AGRICULTORAS FAMILIARES NA TRILHA DO IMIGRANTE: ROTEIRO TURÍSTICO
CAMINHOS POLONESES/ÁUREA-RS.**

Trabalho de conclusão de curso de
graduação apresentado como requisito
para obtenção de grau de Licenciado
em Geografia da Universidade Federal
da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 03 de
dezembro de 2018.

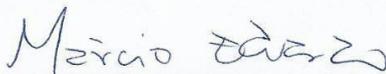
Banca examinadora:



Prof. Dr. Everton de Moraes Kozenieski



Profa. Dra. Paula Vanessa de Faria Lindo



Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por me dar força para alcançar essa conquista.

A meus pais, filha, marido, sogros, sobrinhos, cunhados enfim, a toda minha família, que acredito ser à base de tudo, que me ajudaram nessa caminhada.

Aos professores pela dedicação e companheirismo, ao meu orientador professor doutor em Geografia Everton de Moraes Kosenieski, pelo empenho e parceria no projeto.

Aos colegas de faculdade, tanto os mais próximos, Nediane, Angelita, Priscila, Luiz, Wander, Ana, Alexandra, Felipe, e os demais colegas, que conheci na faculdade por entre corredores, pela amizade e incentivo nessa trajetória de minha vida.

Aos meus amigos e primos Nice, Talita, Jonas, Gabriele, Ivanilde, Maristiane, Diogo, Iohaam e Renan que me incentivaram na retomada de meus estudos.

A escola Roque Gonzalez e também ao Colégio Professor Montovani, direção, professores e alunos pela colaboração para a realização dos estágios docentes.

A extencionista da EMATER-RS/Ascar, Lígia, que me ajudou com as entrevistas e encontro com o grupo de mulheres.

Ao grupo de mulheres que me inseriram em seu meio, me convidando para os encontros e motivando meu trabalho acadêmico.

Obrigado, essa conquista também é de vocês.

Lista de figuras

Figura 1- Pórtico de entrada da cidade de Áurea -RS	31
Figura 2- Igreja Matriz Nossa Senhora do Monte Claro.....	32
Figura 3- Czamina, prato típico da culinária polonesa.....	33
Figura 5 - Primeiro Local a ser visitado: Igreja Matriz, sede do Município.	39
Figura 6 - Primeira propriedade " Sítio do Tio Zilio "	39
Figura 7 - Segunda propriedade "Sítio Ujacov"	40
Figura 8 - Terceira propriedade " Aconchego da família"	40
Figura 9 - Quarta propriedade "Bosque do Monjolo"	41
Figura 10 - Quinta propriedade " Encanto das Rosas"	41
Figura 11 - Sexta propriedade " Novo jeito de ser".....	42
Figura 12 - Sétima propriedade " Sabores da Babka"	42
Figura 13 - Oitava propriedade " Hortifruti Ionczik"	43
Figura 14 - Nona propriedade "Recanto da Natureza"	43
Figura 15 - Décima propriedade "Sítio do Dziadek"	44
Figura 16 - As mulheres que compõe a Trilha do Imigrante	52

Lista de Gráficos

Gráfico 1– Gráfico da população urbana e rural do Brasil, dos anos de 1970 a 2010.....	23
Gráfico 2-- Áurea RS: Valor adicionado bruto a preços correntes/atividades econômicas agropecuárias. ...	30

Lista de Mapas

Mapa 1- Localização do município de Áurea	10
Mapa 2 - Mapa de Áurea roteiro turístico: Trilha do Imigrante.....	38

Lista de Tabelas

Tabela-1 Estrutura Fundiária da Microrregião Geográfica de Erechim.....	21
---	----

Lista de Siglas

ASCAR	Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural
Emater-RS	Empresa e Assistência Técnica e Extensão Rural do RS
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização E Reforma Agrária
MTur	Ministério do Turismo
OMT	Organização Mundial do Turismo
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa de Amostra Por Domicílios
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
RBS TV	Rede Brasil Sul de Televisão
TI	Trilha do Imigrante
SOF	Sempreviva Organização Feminista
SEDACTEL	Secretaria de Cultura Esporte e Lazer
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul, associação de países do Sul-americanos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1.RELATO DA ELABORAÇÃO DO TRABALHO	12
1.2.JUSTTIFICATIVA E PRPBLEMÁTICA DE PESQUISA	13
1.3.OBJETIVOS DA PESQUISA	15
1.4.PERCURSO INVESTIGATIVO	15
3. REFERENCIAL TEÓRICO	17
3.1. TURISMO.	17
3.1.1. TURISMO RURAL.	18
3.2.1 AGRICULTURA FAMILIAR	20
3.2. MULHERES NA AGRICULTURA FAMILIAR.	20
3.3.3. MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR.	23
3.3.TERRITORIALIDADES.	28
4. ÁUREA-RS E OS CAMINHOS POLONESES	30
4.1. A ROTA TURÍSTICA CAMINHOS POLONESES	34
4.2. TRILHA DO IMIGRANTE	35
4.3. ORGANIZAÇÃO DA TRILHA DO IMIGRANTE (TI)	44
5.MULHERES DO TURISMO E AS NOVAS TERRITORIALIDADES EM MEIO AS RELAÇÕES DE GENERO	
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
APENDICE 1	58
APENDICE2	
APENDICE3	

RESUMO

O trabalho refere-se a uma experiência, relativamente nova, na região norte do estado do Rio Grande do Sul de Turismo Rural, Caminhos Poloneses, Trilha do Imigrante que, conta atualmente com dez famílias, onde a principal fonte de renda para a sobrevivência da família provém da agricultura. Inaugurado em 2016, o roteiro conta com duas rotas distintas onde o turista é convidado a conhecer as propriedades rurais, seus jardins, hortas além de desfrutar as comidas típicas dos colonizadores poloneses e conhecendo um pouco da cultura dos antepassados. O trabalho tem como objetivo destacar ações produzidas pelas mulheres que idealizaram e conduzem os trabalhos do roteiro turismo, afim de, identificar os principais marcos históricos de constituição do roteiro turístico e seus atrativos, como, a culinária, os jardins, a arquitetura e a cultura dos antepassados, além de verificar como as mulheres se organizam e as mudanças ocorridas a partir da implementação do roteiro turístico. Desenvolvido com o auxílio de entrevistas semiestruturadas com o grupo de mulheres e com trabalhos de campo, onde podemos conhecer melhor as mulheres e sua realidade. Após a análise dos dados pode ser concluído que as mulheres mudaram sua rotina após a entrada no roteiro turístico, valorizando mais a cultura dos antepassados as comidas típicas, o plantio de chás, o uso de manejo sustentável, além de destacarem de que sentem-se mais felizes com as visitas, com ênfase no aumento da autoestima das moradoras do meio rural.

Palavras chaves: **Turismo Rural. Agricultura Familiar. Cultura Polonesa. Roteiro turístico. Mulheres.**

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se a um roteiro turístico localizado no município de Áurea, região Norte do Estado do Rio Grande do Sul, um município onde a maior parte da renda provem da agricultura familiar, que recebeu o título de capital polonesa dos brasileiros no ano de 2000. Trata-se de um município em que significativa maioria de descendentes de imigrantes poloneses, onde recentemente foi inaugurado um roteiro turístico denominado Caminhos Poloneses, este com duas opções de passeio, a “Trilha do Imigrante”, com roteiro no rural e a “Resgatando a História”, com roteiro que mescla o rural e urbano.

A roteiro conta com várias atividades relacionando os costumes dos imigrantes, a culinária, a cultura polonesa, os jardins e hortas. Criado a partir de um grupo de agricultoras familiares que se reunia mensalmente para realização de cursos voltados a jardinagem, culinária e artesanato oferecidos pela Emater-RS/Ascar. Após a realização de vários cursos voltados a jardinagem, apoiados pela extencionista da Emater-RS/Ascar, as agricultoras familiares resolvem abrir suas propriedades para visitação, a fim de divulgar a cultura polonesa, o cultivo de hortas em forma de mandala, o consórcio entre flores e hortifrúti e comidas típicas polonesas.

Com isso ocorre a implementação do turismo como uma alternativa para agregar renda aos produtos oriundos dos agricultores familiares, aumentar a qualidade da alimentação da família, embelezar e melhorar a propriedade do agricultor familiar. Além disso configura-se um propulsor das territorialidades das agricultoras familiares, oportunizando a valorização das mulheres, na família e na sociedade, retirando-as da rotina do isolamento e transformando o trabalho feminino antes visto como reprodutivo em trabalho produtivo.

A incorporação do turismo em Geografia se torna importante, por conta de seus impactos e deve ser estudado de forma conjunta com outros saberes e campos de conhecimento. Trata-se de uma atividade econômica em grande expansão, promovendo grandes transformações na organização do espaço geográfico.

O turismo rural teve início no Brasil nas décadas de 1960 e 70 motivado por um tipo diferente de férias, sem multidões e com contato com a natureza. Originou-se da organização de pequenos agricultores e empreendedores rurais interessados em sobreviver no campo frente à modernização do setor agrícola, porém não se tratava de um desenvolvimento planejado, profissional, mas sim espontâneo (LANE, 2014).

No norte do Estado do Rio Grande do Sul, turismo rural constitui-se como um fenômeno relativamente novo existem apenas alguns casos isolados como propriedades que dispõe de açudes

para pesca, restaurantes coloniais e roteiros relacionados ao turismo rural, principalmente situado na Serra Gaúcha. No ano de 2016, no município de Áurea-RS foi inaugurado o Roteiro Turístico Caminhos Poloneses que agrega visitação as pequenas propriedades rurais, culinária e a cultura dos antepassados.

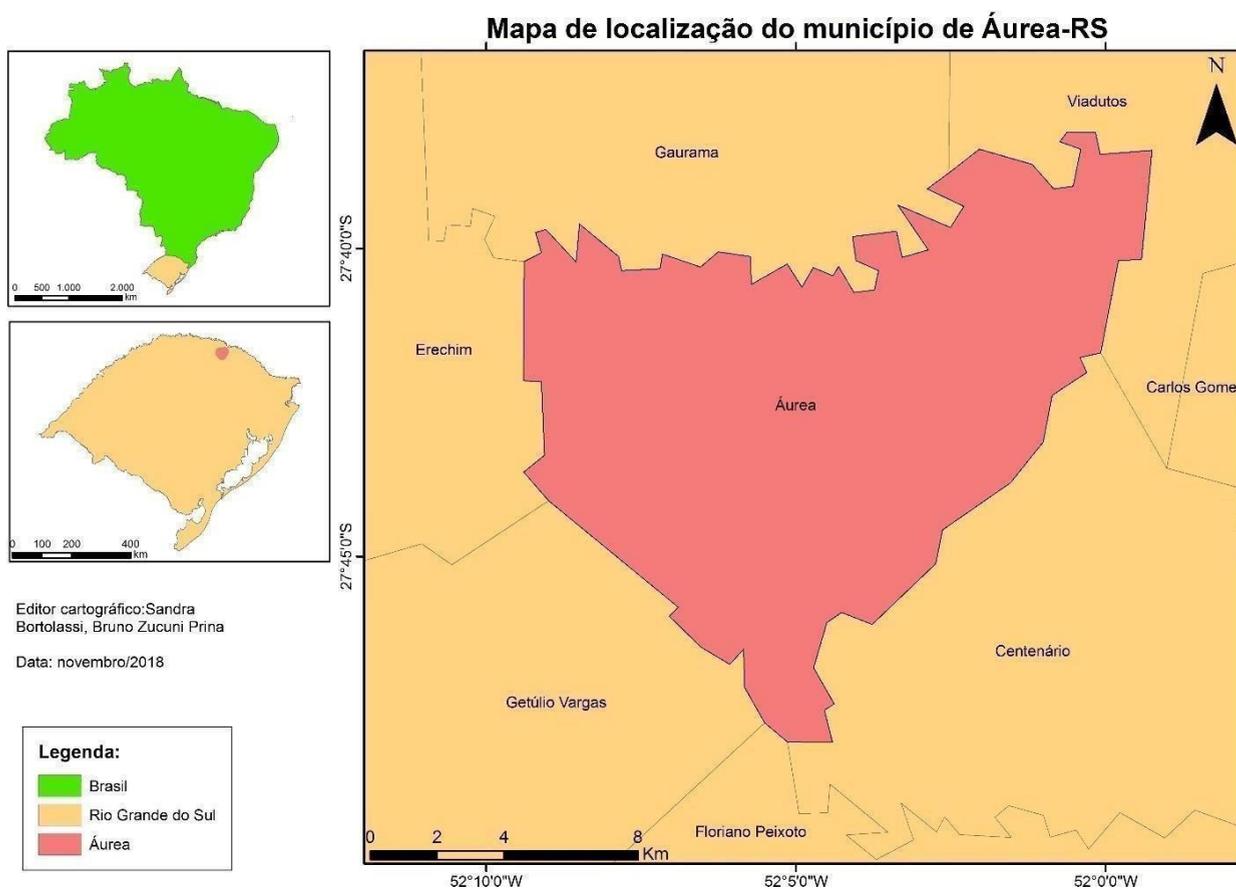
O Rio Grande do Sul, em função de sua formação histórica, da diversidade de paisagens e culturas e de sua localização estratégica em relação aos países do MERCOSUL, se coloca como receptor de um grande número de turistas, especialmente da América do Sul. Os atrativos incluem a paisagem e o clima serrano, o pampa, o extenso litoral, às estâncias hidrominerais, o patrimônio paleobotânico, arqueológico, histórico, arquitetônico e cultural. Também a gastronomia, os costumes e tradições definem uma diversidade de eventos que compõem um extenso calendário de eventos que se desenvolvem ao longo de todo o ano.

A estrutura turística do Rio Grande do Sul está organizada segundo 27 Regiões Turísticas definidas pela Secretaria de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer - SEDACTEL e cujas características refletem a diversidade de atrativos, quanto as receitas segundo a MTUR o Brasil recebeu cerca de 6 bilhões de Reais no ano de 2016, com o turismo.

Preocupados com a permanência do agricultor e suas famílias no campo, o governo Estadual vem realizando por meio da EMATER-RS/Ascar (Associação Rio-grandense de Empreendimentos e Assistência Técnica e Extensão Rural) ações extensionistas para melhoria da vida no rural, organizando grupos de agricultoras para reformularem suas propriedades.

Cabe ressaltar que o município de Áurea-RS, situado no norte gaúcho, conforme observamos no mapa a seguir, (mapa 1) é um dos municípios com maior número de descendentes de poloneses do Brasil, (92% da população) segundo dados do ano de 2010, disponibilizados no site da prefeitura municipal.

Mapa 1- Localização do Município de Áurea-RS



Fonte: Dados da Fepan,(2018),elaborado por Sandra Bortolassi e Bruno Zucuri Prina(nov.2018), com o auxílio do ArcGIS

Áurea-RS tem, extensão territorial de 158,3Km², entre as principais fontes econômicas, agropecuária com aproximadamente 46,6%, setor de serviços 45,7% e a indústria 7,6%, o PIB do município é de R\$ 23.990,49/hab. segundo dados do site do IBGE cidades, censo 2010.

A densidade demográfica do município de Áurea-RS é de 23,5 hab/Km², os agricultores familiares compreendem grande parte da arrecadação do município, com pequenas áreas de terra utilizando a mão-de-obra da própria família. Com a modernização da agricultura, o modelo capitalista vem promovendo a exclusão, obrigando estas famílias a encontrarem novas formas de renda para permanecer no rural.

Para atrair os visitantes (turistas) as unidades de produção precisam além de atividades voltadas à pecuária e à agricultura, atrativos que possam chamar a atenção do visitante, como paisagem diferenciada, objetos e arquitetura tradicional, animais exóticos, comidas do campo, ou seja, algo singular que proporcione relevância ao cotidiano dos visitantes.

Os Caminhos Poloneses do município de Áurea-RS surgiu a partir de um grupo de mulheres que juntamente com a Emater-RS/Ascar organizaram-se para receber turistas proporcionando a eles um contato direto com os descendentes de imigrantes poloneses e sua cultura. O roteiro, baseado na história dos colonizadores, proporciona degustação de pratos típicos da culinária polonesa, elaborado e gerenciado por agricultoras familiares.

Para tentar sobreviver no campo, muitos agricultores vêm diversificando suas atividades, como plantio de agroecológicos, a implantação de agroindústrias e investindo no turismo rural. As mulheres são as responsáveis, muitas vezes, por tomarem iniciativas de mudança nas unidades de produção. Houveram impactos paisagísticos nas propriedades envolvidas com a implementação de jardins maiores e com diversidade de plantas, e quanto aos impactos econômicos ainda não se pode mensurar, por conta de o roteiro ser relativamente novo, mas como destacado pelas agricultoras estão tendo algum ganho. Cabe ressaltar, que esta proposta de turismo rural no município de Áurea-RS, surgiu a partir de um grupo de mulheres, que além de pôr em prática esta proposta, gerencia e coordena os trabalhos referentes às visitas.

Cabe ressaltar que a questão de gênero na agricultura é levada em conta nos trabalhos realizados pela EMATER-RS/Ascar, que vem promovendo o aumento da autoestima das agricultoras familiares, além de promover atividades voltadas ao plantio de cultivares agroecológicos, a implementação de agroindústrias e investindo no turismo rural, mudando assim o cotidiano das mulheres no campo, antes encarregadas dos trabalhos domésticos e o cuidado com a família, para se tornarem empreendedoras no ramo turístico. Essa proposta vem chamando a atenção para a importância da agricultora familiar, tanto na propriedade quanto na sociedade.

Nosso trabalho vem ressaltar a importância da agricultora familiar em sua propriedade e que elas a partir do roteiro turístico tem dado visibilidade a lugares e aspectos que antes não eram levados em conta.

1.1. BREVE RELATO SOBRE A ELABORAÇÃO DESTE TRABALHO.

Esse trabalho teve início no segundo semestre da faculdade Geografia-Licenciatura da Universidade Federal Fronteira Sul, Campus Erechim, quando em trabalho de campo da disciplina de Geografia Econômica e da População nossa turma viajou para Serra Gaúcha e Porto Alegre-RS. Observando os agricultores das vinícolas e das pequenas tecelagens que nos receberam e contaram sua trajetória de vida no campo, surgiu o desejo de escrever sobre turismo e de como esse ramo estaria ajudando muitos agricultores a permanecerem no campo. Já naquele mesmo campo conversei sobre o tema com o professor Everton, meu atual orientador, mas de forma bem rasa sem nos referirmos em TCC, pois apenas estava no segundo semestre e muita coisa poderia mudar.

No oitavo semestre iniciando a cursar a cadeira de TCC1, cujo pré-requisito para aprovação é a apresentação do projeto de TCC, procurei novamente o professor Everton e fiz a ele a proposta de trabalharmos com turismo rural em nossa região. Ele prontamente me atendeu e iniciamos então uma pesquisa sobre os autores que falam sobre turismo rural e onde poderíamos encontrar bibliografias referentes a este tema.

Iniciamos nossa pesquisa com o município de Erechim, com a secretaria de turismo da cidade e um prévio mapeamento das localidades que se diziam de turismo rural, mas de certa forma ainda não se encaixavam no modelo de turismo rural que tínhamos visto em nossas bibliografias.

Propus então trabalharmos com um roteiro turístico de um município vizinho, Áurea-RS. O roteiro era recém-implantado e bem organizado, ele então propôs de que eu fosse conhecer. Após a visita me encantei com a possibilidade de trabalhar com as agricultoras familiares que compõe o grupo, pois me identifiquei pessoalmente com cada uma delas.

Marcada a próxima orientação coloquei ao professor tudo que pude ver em campo e conversando com ele vimos possibilidade de implementarmos nosso trabalho, de início trabalharíamos a questão econômica das famílias após a entrada delas no roteiro turístico. Defendi meu projeto e fui aprovada, mas com considerações da banca com relação à clareza do que iria ser trabalhado.

No semestre seguinte continuamos com o tema e fomos atrás de embasamentos teóricos com relação à cultura, com intuito de trabalharmos a Geografia Cultural dentro do grupo de mulheres. Surgiu a oportunidade de um novo campo para o local de nossa pesquisa, com a disciplina de Geografia Rural, com o professor Márcio, a convite do professor fomos eu e meu orientador para conhecer melhor o que iríamos trabalhar.

Em campo reafirmamos a possibilidade de trabalharmos a relação das mulheres com o roteiro turístico, pois como podemos observar foram elas que organizaram este programa e são elas quem o coordenam, a possibilidade econômica caiu por terra quando vimos que o ganho de cada propriedade com as visitas era pouco e não viabilizaria um estudo sobre esse impacto econômico. Voltando do campo nos reunimos novamente para trabalharmos agora com a questão das mulheres, foi proposto pelo orientador que eu buscasse referenciais sobre agricultoras familiares.

Na pesquisa bibliográfica fui me deparando com a questão da mulher no campo e quanto mais eu lia mais me colocava nesse contexto e também trazia para dentro dele as componentes do roteiro turístico, quando levei ao meu orientador o que tinha encontrado sobre as mulheres do campo decidimos que iríamos trabalhar com a temática da territorialidade das mulheres, frente a questões como o isolamento, o sobre trabalho, do trabalho reprodutivo, e da cultura machista que ainda prevalece em nossa sociedade.

Precisei mais de um semestre para elaborar meu trabalho por conta dessas indefinições, por conta de que a cada tema novo a ser pensado, necessitava de um embasamento teórico e a possibilidade de sua realização. Abordamos várias possibilidades, mas na maior parte delas foram sendo descartadas, umas por não haver tempo hábil, outras por não termos possibilidade de estarmos mais tempo junto das mulheres.

1.2. JUSTIFICATIVA E PROBLEMÁTICA DE PESQUISA

O espaço rural no mundo, segundo Piran (2001), passa por muitas transformações, principalmente, nas relações de trabalho em decorrência da intensificação da globalização, da modernização da agricultura, a pseud. homogeneização dos lugares entre outros. Isso contribui para que algumas propriedades rurais se especializem se reformulem, ou ainda, muitas deixam de existir. Verifica-se no campo o envelhecimento da população, a falta de sucessão familiar, a desagregação das formas tradicionais de produção, a desvalorização das atividades rurais perante a sociedade e os baixos preços atribuídos aos produtos agrícolas, o sobre trabalho das agricultoras familiares, entre outros fatores. Tais elementos contribuem para que os agricultores vendam suas propriedades e migrem para áreas urbanas.

Visando a permanência no campo, alguns agricultores familiares buscam diversificar suas unidades de produção, deixando de lado a monocultura e investindo em modelos que proporcionem mais renda a suas unidades de produção. Desse modo, o turismo rural vem despontando como uma alternativa de valorização das paisagens rurais e seus atrativos, para Tulik (2003).

O turismo rural surgiu na Europa, segundo Tulik (2003), com intuito de combater o êxodo rural, complementar a renda, preservar o patrimônio cultural e proteger a natureza. Pode ser uma nova alternativa econômica às famílias do campo, dando ênfase aos recursos naturais. A forma tradicional de trabalho e ajudando a valorizar a (auto) imagem do agricultor familiar. Cabe ressaltar que os problemas das grandes cidades, como o grande fluxo de carros e pessoas, a poluição, os assaltos, o barulho, entre outros, levam as pessoas a procurarem algo que as faça sair dessa rotina caótica, visando o campo como uma alternativa.

Os estudos sobre o turismo rural ainda são escassos, apesar de nos últimos anos esse tema ter ganhado força entre os estudos acadêmicos. Nosso estudo destaca a importância das agricultoras familiares e a mudança na rotina das propriedades, com a implementação da rota turística Caminhos Poloneses em abril do ano de 2016, no município de Áurea-RS.

Nesse sentido, investigar a rota turística Caminhos Poloneses se faz relevante no sentido de agregar conhecimento a essa proposta, contribuir e analisar o papel da agricultora familiar junto às suas unidades de produção. Desse modo, este trabalho tem como foco de pesquisa as mulheres que compõem a rota turística Trilha do Imigrante do município de Áurea-RS, escolhi esse grupo por ter conhecimento de seu trabalho.

O roteiro turístico foi elaborado através de um grupo de mulheres, que a partir do ano 2000 reunia-se mensalmente para a elaboração de cursos voltados primeiramente a extensão rural, ofertados pela Emater-RS/Ascar do município de Áurea-RS, mas só em 2016 surgiu a ideia de atrair visitantes às suas unidades de produção. Este, constituído por dez famílias, todas residentes no rural, que permite ao visitante, ver o turismo sob a perspectiva de um município pequeno, onde a principal fonte econômica é a agricultura familiar.

Esse estudo pode servir de base a outras comunidades, com atrativos semelhantes, para a elaboração de novos roteiros, melhorando assim a vida de muitos agricultores, permitindo aos mesmos terem uma ampla visão de suas propriedades e mostrando a participação da agricultora familiar na implementação do trabalho coletivo, servindo de estímulo as entidades governamentais e a sociedade para que deem visibilidade das mulheres e jovens no meio rural.

O interesse pelo assunto surgiu por conta de minha experiência de vida a trajetória de minha família e por conhecer as dificuldades que os agricultores familiares passam para permanecer com dignidade no campo. Nesse sentido, ao tomar conhecimento da rota turística “Caminhos Poloneses”, senti interesse em estudar sobre o turismo rural, tendo como objeto de pesquisa o município no qual

passei minha infância. A implantação da rota turística Trilha do Imigrante, traz consigo transformações nas relações e inter-relações.

1.3. OBJETIVOS DA PESQUISA.

A presente pesquisa tem como:

- **Objetivo geral:**

- Estudar as ações produzidas pelas agricultoras familiares que compõe a Trilha do Imigrante do Roteiro Turístico Caminhos Polonesas no município de Áurea-RS.

- **Objetivos específicos:**

- Identificar os principais marcos históricos de constituição do roteiro turístico Caminhos Poloneses e os principais atrativos ofertados aos visitantes;
- Verificar como as agricultoras familiares constituem estratégias de gestão da Trilha do Imigrante;
- Analisar as mudanças ocorridas no papel das mulheres do campo e sua; importância.

1.4. PERCURSO INVESTIGATIVO.

O percurso investigativo de nossa pesquisa conta com vários momentos, a seguir descrito:

Primeiro momento: escolha do tema a ser trabalhado e a procura de fontes secundárias como o site do IBGE, prefeitura municipal de Áurea – RS e EMATER-RS/Ascar, pesquisa no site da CAPES para dados bibliográficos referentes aos conceitos de Turismo, Turismo Rural, Agricultura Familiar, Mulheres na agricultura familiar e Territorialidades.

Segundo momento: de natureza exploratória, com entrevistas a extensionista da EMATER-RS/Ascar do município de Áurea-RS, com a secretária da educação e cultura do município de Áurea-RS e com nove agricultoras familiares que fazem parte do roteiro turística Trilha do Imigrante do município de Áurea-RS, nos meses de março a novembro do ano de 2018, com a utilização de entrevistas com roteiro semiestruturado com o objetivo de estudar as mudanças ocorridas nas territorialidades dessas mulheres a partir da entrada delas no roteiro turístico.

Terceiro momento: onde participamos de várias reuniões em que as integrantes se reúnem para suas conversas mensais e para a elaboração do balanço econômico de cada mês, nessas conversas foi possível nossa aproximação do grupo e a coleta de dados informalmente com as mulheres a respeito do tema de nossa pesquisa, além de realizarmos as entrevistas que após vinham sendo transcritas na íntegra e que fazem parte de nosso trabalho sendo colocadas em apêndices 1,2,3.

Quarto momento: a transcrição e análise dos dados coletados. Para a análise dessas informações inicialmente houve a comparação, representação e categorização do que foi visto em campo, os dados e a bibliografia. Utilizaremos as entrevistas das agricultoras familiares como base de nossa pesquisa, para isso citaremos alguns trechos, e designaremos as agricultoras familiares como AF1, AF2, AF3, e assim por diante até a AF9, essas entrevistas foram realizadas no mês de outubro do ano de 2018 e podem ser encontradas em apêndice 3.

Nossa pesquisa trabalha com as fontes bibliográficas, fontes documentais, observação e entrevistas. E se configura de cunho qualitativo, pois meus dados são descritivos, e minha fonte de coleta de dados parte de grupos focais que tem ênfase na coleta de dados em grupo, entrelaçando o método, o contexto e o tema da pesquisa.

Como coloca Kind (2004, p 126),

[...] como um procedimento de coleta de dados no qual o pesquisador tem a possibilidade de ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo, além de observar as intenções características do processo grupal. Tem como objetivo obter uma variedade de informações, sentimentos, experiências, representações de pequenos grupos acerca de um tema determinado. (KIND, 2004, p 126).

Tal percurso investigativo produziu os documentos necessários para o estudo que aqui apresentamos. Após a realização das entrevistas passamos a transcrevê-las e analisa-las, para que possamos responder os objetivos da pesquisa.

Nosso trabalho organiza-se da seguinte forma:

- Primeiro capítulo: justificativa e problemática de pesquisa;
- Segundo capítulo: referencial teórico;
- Terceiro capítulo: Áurea-RS e os Caminhos Poloneses;
- Quarto capítulo: As mulheres do turismo e as territorialidades em meio às relações de gênero;
- Quinto capítulo: Considerações finais, as referências e os apêndices.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

Na presente pesquisa partimos de um conjunto de referenciais fundamentais à pesquisa. Neste capítulo, passamos a discutir o turismo, a questão de gênero na agricultura familiar e a territorialidade. Passamos a apresentação dos mesmos de forma detalhada a seguir.

2.1.Turismo

O turismo é o primeiro conceito chave de nossa pesquisa, pois nosso objeto de estudo está centrado na rota Turístico Trilha do Imigrante, localizada no município de Áurea-RS. Partimos da definição da Organização Mundial do Turismo (OMT), na qual,

[...] Turismo é uma atividade humana intencional que envolve deslocamento temporário de pessoas, onde o indivíduo permanece por mais de 24 horas e menos de 1 ano fora do local de sua residência, para a realização de qualquer atividade e satisfação de qualquer necessidade, sem intenção de lucro e se utiliza de meios de transporte, hospedagem e alimentação, dentre outros. (SILVA, 2012, p 50).

A definição da OMT enfatiza a intencionalidade, em meio ao deslocamento populacional. O turismo constitui-se por meio de infraestruturas e serviços possuindo uma temporalidade determinada.

Encontramos, porém, uma definição mais ampla com relação ao conceito turístico, apontando dados quanto ao tempo de visitação, nos referimos a proposta de Barretto (2012), para qual:

O turismo quanto ao tempo de visitação, pode ser excursionista com viagens de menos de 24 horas, de fim de semana, de férias, de tempo indeterminado e quanto   frequência o turismo pode ser regular (anual, mensal ou de férias), ou esporádico. (p.49).

Essa proposta de Barretto se contrapõe a da OMT, com rela o ao tempo, acreditamos ser a classifica o que mais vem a se adequar a rota turística do município de  urea, pois, leva em conta roteiros com visita o inferiores a 24 horas de dura o. O turismo implantado no município de  urea ocorre em um dia apenas, assim o turista não permanece no local por 24 horas, a defini o da OMT dificultaria por esta visão a delimita o de turismo as atividades desenvolvidas em  urea. Outros lugares, como em Bento Gonsalves-RS, com o roteiro turístico “Caminhos de Pedra”, trabalho singular ao de nosso estudo, os visitantes têm também não permanecem no local visitado, se assim o preferir, apenas visitam as propriedades.

Ainda a respeito da definição de turismo podemos observar a proposição de Pearce (2003), o qual afirma que,

[...] o turismo é uma atividade que diz respeito essencialmente a pessoas e lugares, um conjunto de relações e fenômenos originados com as viagens e estadias temporárias de pessoas”. “Essa definição aponta para a relação entre as pessoas e os lugares marcando também a temporalidade dessa experiência de visitação. (p. 46).

Na presente pesquisa assumimos as definições de Silva e de Pearce como referências no entendimento do que é turismo, divergimos com estes autores quanto ao tempo da atividade turística, assumimos, portanto quanto a esse quesito a definição de Barreto.

O turismo pode ser compreendido através da oferta e da demanda de produtos e serviços. Especialmente no que se refere ao turismo, tomando como base o Ministério do Turismo (MTUR), podemos identificar vários tipos de turismo entre os quais: Ecoturismo, Turismo Cultural, Turismo de Estudos e de Intercâmbio, Turismo de Esportes, Turismo de Pesca, Turismo Náutico, Turismo de Aventura, Turismo de Sol e Praia, Turismo de Negócio e Eventos, Turismo de Saúde e Turismo Rural. (BRASIL, 2006). Entre esta diversidade de tipos de turismo, tendo em vista as características desta pesquisa, vamos enfatizar apenas o turismo rural.

2.2. Turismo Rural

O turismo rural, segundo o caderno de orientações básicas para o turismo rural do MTur (BRASIL, 2006), surgiu em 1986 no município de Lages-SC. As primeiras diretrizes para o turismo rural surgiu no ano de 1990. Nesse mesmo ano, o MTur lançou políticas públicas para atrair empreendedores para o setor turístico. Os resultados para essas primeiras políticas públicas foram frustrantes, pois as políticas estavam pautadas em modelos europeus, promovendo um deslocamento da realidade brasileira e do setor turístico ainda inexperiente. Hoje o turismo rural brasileiro conta

com suas próprias regras, levando em conta as dimensões do país e as diferenças entre os lugares e os tipos de turismo existentes em cada local.

A fim de melhor compreender o que é turismo rural iniciamos com a obra de Tulik (2003). Em sua obra, ela ressalta:

O turismo rural é um termo empregado a toda atividade turística no espaço rural, caracterizando-se por ser uma atividade complementar as atividades da propriedade rural. Cabe destacar que muitas vezes não é isso que ocorre, pois, o turismo rural passa a ser uma fonte de renda para investidores do setor hoteleiro que passaram a competir com o pequeno produtor rural. (TULIK, 2003, p. 10).

As unidades de produção no campo em Áurea-RS, que fazem parte do roteiro turístico Trilha do Imigrante, mantêm vínculo com o rural e a maior parte da renda da família é garantida por meio de atividades agropecuárias. As famílias ainda não têm ganho significativo com a atividade turística como colocado pelas próprias mulheres em diálogo realizado em outubro de 2018, as agricultoras rurais que compõe o roteiro são responsáveis por todo trabalho realizado durante a visitação, e também na organização das atividades propostas aos visitantes, ou seja, os próprios agricultores se organizam quanto as atividades realizadas enquanto roteiro turístico.

Os agricultores permitem que os turistas participem do cotidiano da propriedade com a inserção destes em algumas tarefas tais como: trato dos animais, a ordenha, coleta de frutas e verduras, entre outras atividades, isso ocorre em muitos lugares inserindo o turista no rural por algumas horas. Quanto à organização e gestão das atividades, a autora coloca que deve ser de responsabilidade do proprietário podendo obter alguma assistência, mas de forma em que o agricultor esteja sempre presente. Mesmo nesse último caso o agricultor precisa estar presente, residindo na propriedade. (TULIK, 2003.).

A autora Lane (2014) destaca algumas características que o turismo rural deve possuir:

1. Localizado em áreas rurais.
2. Funcionalmente rural construído sob as características especiais do mundo rural de empresas de pequeno porte, em contato com a natureza e com o mundo natural, utilizando-se de produtos florestais, agrícolas e de tradição; sociedades e práticas “tradicionais”.
3. Em escala rural tanto em termos de prédios e instalações como deve ser geralmente, não sempre, de pequena escala.
4. Tradicional em seu caráter, crescendo vagarosamente e organicamente, e conectada com as famílias locais. Sendo assim, frequentemente, e em sua maioria, controlado localmente e desenvolvido para a melhoria em longo prazo.
5. De várias formas diferentes, representando o padrão complexo do ambiente rural, da economia, da história e da localização no mundo. (LANE, 2014, p.20).

A autora ainda destaca o quanto a prática do turismo pode beneficiar os agricultores, porém ela destaca que em meio ao setor encontram-se pessoas que tiram proveito de alguns benefícios dados

aos agricultores e com isso tiram a condição das políticas públicas fazerem seu papel que é garantir direitos aos excluídos, isso ainda não ocorre no município de Áurea-RS. Segundo Wenceslewski 2018, isso se deve por este roteiro ainda ser considerado jovem, ou não consolidado e não estar atraindo ganhos significativos aos participantes, segundo as agricultoras familiares entrevistadas.

O turismo rural, em sua forma original, pode trazer consigo vários benefícios aos pequenos agricultores e deve ser protegido pelos governantes para que se cumpra as regras estabelecidas, segundo Lane (2014) mantendo assim os investimentos para quem realmente necessita deles, os pequenos agricultores e restringindo a entrada de grandes empresas hoteleiras que se beneficiam desse atrativo tirando do pequeno agricultor rural a possibilidade de permanecer no campo.

Lane (2014) coloca ainda que:

O turismo rural moderno surgiu pela demanda do mercado de massa, pela função da crescente procura por um tipo muito diferente de experiência de férias. Surgiu para produzir uma experiência sem multidões, em contato com a natureza, com um cenário agrário\natural, com contato pessoal entre anfitriões e hóspedes. O turismo rural possui variedade de produtos e propostas que vão da valorização da tradição à aventura. (p.27).

Para compreendermos a rota TI buscamos o que Tulik (2004), coloca definindo três grupos de propriedades e proprietários rurais que estão vinculados ao Turismo Rural, que ela chama de:

- ✓ Autêntico produtor rural residente na propriedade, que tem o turismo rural como atividade principal ou complementar;
- ✓ Sazonal, proprietário, geralmente turista e de elevado nível sociocultural, que transformou sua residência secundária num empreendimento de turismo rural;
- ✓ Investidor, proprietário sem vínculo com o meio rural, que adquiriu a propriedade para transformá-la numa oportunidade negócio. Nesse caso só o autêntico se constitui como agricultor familiar e é esse que está enquadrada a TI, para melhor compreendermos quem são os agricultores familiares partimos de algum conceito sobre o tema que destacaremos a seguir.

2.3.Agricultura familiar

Para entendermos melhor a questão dos agricultores familiares partimos da Lei Federal nº 11.326, de 24 de julho de 2006, segundo essa:

Art. 3º Para os efeitos desta Lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

I - Não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;

II - Utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

- III - Tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo;
 IV - Dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

Como tratado na lei e observado em campo, as famílias residentes na região do norte do Rio Grande do Sul, local da realização da pesquisa, se enquadram nessa condição colocada pela lei Federal, pois, as unidades de produção mantêm a mão de obra familiar, ou seja, é a família que realiza todo o trabalho, distribuindo entre seus componentes as tarefas do cotidiano da propriedade, tirando dela a maior parte de seu sustento, vindo assim a se enquadrarem nos estudos dos autores Bittencourt e Bianchini (1996) que ressaltam a seguinte definição: “Agricultor familiar é todo aquele (a) agricultor (a) que tem na agricultura sua principal fonte de renda (+ 80%) e que a base da força de trabalho utilizada no estabelecimento seja desenvolvida por membros da família”. (BITTENCOUR e BIANCHINI, 1996, p28). Essa definição dos autores Bittencour e Bianchini é a que mais se aproxima das realidades de nosso estudo.

Quanto ao tamanho das unidades de produção tomamos como base o estudo Kozenieski (2016) para a estrutura fundiária.

Tabela 1 - Estrutura Fundiária da Microrregião Geográfica de Erechim.

Grupos por Área	Estabele-	%	%	Estabele-	%	%
	cimentos		acumulado	cimentos (ha)		acumulado
Até 1 ha	209	1,08	1,08	82	0,02	0,02
De 1 a menos de 10 ha	4.831	24,84	25,92	25.490	5,48	5,50
De 10 a menos de 20 ha	6.630	34,09	60,01	91.091	19,57	25,07
De 20 a menos de 50 ha	6.080	31,26	91,27	176.326	37,89	62,96
De 50 a menos de 100 ha	1.132	5,82	97,09	72.530	15,59	78,55
De 100 a menos de 1000 ha	422	2,17	99,26	84.529	18,16	96,71
De 1000 ha ou superior	10	0,05	99,31	15.301	3,29	100,00
Produtor sem área	134	0,69	100,00	0	0,00	100,00
Total	19.448	100	100	465.349	100	100

Fonte: IBGE – Censo Agropecuário (2006). Organizado por Kozenieski (2016).

O estudo de Kozenieski (2016) revela que grande parte dos agricultores se enquadra na Lei Federal nº 11.326, como sendo agricultores familiares. Mais de 19 mil estabelecimentos não ultrapassam os 100 ha. Pode-se observar, no entanto que apenas 10 estão com área superior a 1000 ha, o que demonstra que essa região é predominantemente uma área de agricultores familiares.

Os agricultores familiares procuram diversificar para compensar a área pequena de terra que lhe compete, as famílias procuram cultivar quase tudo que necessitam, diminuindo assim os custos com a alimentação. Isso pode ser verificado em campo em nosso trabalho, onde por meio das entrevistas as agricultoras familiares colocam que cultivam quase que tudo que consomem. Como

colocado pelos autores, Buainaim e Romeiro (2000 p,21), “a agricultura familiar desenvolve, em geral, sistemas complexos de produção, combinando várias culturas, criações animais e transformações primárias, tanto para o consumo da família como para o mercado.”

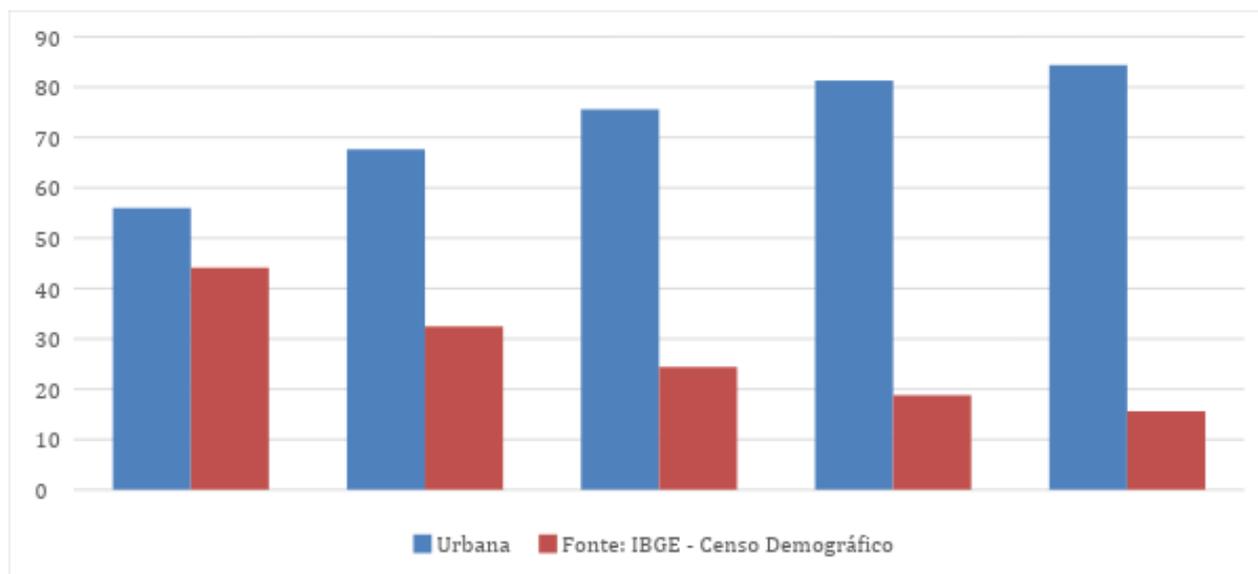
Com essa diversidade na produção, os agricultores são colocados pelos autores Romeiro e Buainaim, como agricultura familiar de base, ou autêntica, ou seja, são para os autores, produtores familiares aqueles produtores que produzem em sua unidade de produção a maior parte do alimento consumido. Baseados em amplo estudo sobre sistemas de produção familiares no Brasil, os autores afirmam que os produtores familiares apresentam frequentemente as seguintes características:

Diversificação: produzem vários tipos de produtos em suas propriedades, estratégia de investimento progressivo, ou seja, pequenos acúmulos de capital ao longo do tempo, combinação de sistemas intensivos e extensivos além de uma grande facilidade de adaptação a outros mercados, a pluriatividade (BUAINAIM e ROMEIRO, 2000).

A diminuição de renda no campo prove também, entre outras coisas, a diminuição de mão de obra, por conta do menor número de filhos, e da diminuição da área de terras, que na maioria das vezes além de ser uma área pequena ainda se encontra em local de declividade acentuada e solo pedregoso, dificultando a mecanização e modernização do plantio nessas áreas. Segundo os autores, o endividamento dos agricultores com empresas que prometem agregar renda a propriedade com o uso de uma única cultura e acabam por desmotivar os agricultores, fazendo assim, com que vendam suas propriedades para agricultores maiores (BUAINAIM;ROMEIRO,2000).

Segundo Piran (2001) a agricultura familiar procuram alternativas os meios de produção, diversificando sua propriedade para permanecer no rural. Os dados demográficos registram as dificuldades de permanência no campo do agricultor familiar, pois no período de 1970, até o período de 2010 houve uma grande evasão das propriedades rurais, como apontam os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Gráfico 1 – Gráfico da população urbana e rural do Brasil, dos anos de 1970 a 2010.



Fonte: Censo Demográfico, (1970,1980,1990 e 2010) IBGE,1970 a 2010, elaboração IBGE,2010.

Como podemos analisar na tabela a população rural decaiu nas últimas décadas, em contrapartida a população urbana vem crescendo. A maior parte do alimento consumido nas grandes cidades provém de agricultores familiares, com isso podemos avaliar que muito provavelmente essa população rural em algum momento fará falta no abastecimento de alimentos para a população.

Não é diferente no município de Áurea-RS, onde a maioria dos agricultores conta com áreas de produção de pequeno porte, sendo assim enquadrados como agricultores familiares, a procura pela diversificação de produtos torna-se necessária, para que possam permanecer no rural.

Para que isso ocorra é preciso que o agricultor se abra a novas possibilidades de ganho em sua propriedade. Em trabalho de campo, podemos observar que as mulheres tem se organizado e são responsáveis pela mudança nas propriedades rurais como verá no capítulo seguinte.

2.4. Mulheres na agricultura familiar

Os estudos realizados com foco na mulher do campo, com o passar dos anos vem se intensificando, as pesquisas com maior enfoque são vinculadas a questões de gênero e seus direitos em todas as esferas, contudo notamos através de nossa pesquisa o quanto a questão do trabalho feminino ainda sofre desigualdades principalmente no campo por conta de suas especificidades.

As mulheres do campo, segundo a Sempre-viva Organização Feminista-SOF (2008), quando se reúnem para fazer crochê, tricô ou outro artesanato, conversam sobre as preocupações do dia a dia das famílias e de como poderiam mudar algumas situações. Assim, vão adquirindo coragem, apoiadas umas pelas outras, para tomarem posições na família e, conseqüentemente, na sociedade.

Direitos foram conquistados pelas mulheres em nosso país a partir de movimentos sociais que começaram a se organizar na década de 1960, que problematizam, entre outras coisas, o lugar da mulher na sociedade. Muitos direitos foram garantidos às mulheres com a constituição de 1988, mas muitas ainda não têm acesso a eles por costumes locais, coloca a autora Zarzar (2008).

Em municípios de pequeno porte, distantes das grandes capitais, em que os índices educacionais são baixos o acesso informação, as leis e direitos, são muitas vezes desconhecidos pelas mulheres, os costumes e as crenças acabam por piorar esse contexto, como colocam as pesquisadoras Adriana Zarzar e Andréia Butto, nos trabalhos realizados em assentamentos de sem terras.

A criação de novas leis que garantem as mulheres, condições ao crédito rural, o direito à terra, nas escrituras de terra e no INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), além de um crédito especial voltado as mulheres, o PRONAF Mulher (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) independentemente de seu estado civil, além disso possibilitada da inclusão do nome da mulher em conjunto, entre outras, esses são exemplos de conquistas. Apesar dessas normas e leis, as mulheres continuam sendo uma minoria na questão de titulares de lotes rurais e perante o acesso ao crédito agrícola. (SOF, 2016).

Quando o “chefe” da família decide buscar crédito para a melhoria da propriedade ou dos meios produção, nem sempre isso é levado para discussão em família, de mesmo modo quando é adquirido algum implemento ou máquina é priorizado o trabalho do homem, ou seja, o trabalho da mulher não é visto como um trabalho pesado ou que necessite de meios para facilitá-lo.

A dificuldade das mulheres em gerir a sua propriedade rural é um tema importante a ser discutido. Segundo Zarzar (2008) estimativas indicam que apenas 1% das propriedades do mundo são dirigidas por mulheres. A falta de informações sobre este tema mascara a realidade. Outro tema relevante é a obtenção de crédito rural pelas agricultoras, ressalta a autora, já que esse é disponibilizado apenas para um representante da família denominado “titular”, levando em conta um modelo de família pouco problematizada.

Em algumas regiões, as mulheres passam a gerir uma propriedade apenas se ocorre a morte do marido, ou em casos de divórcio e não vão morar com seus pais, mas no caso de haver irmãos mais velhos, eles acabam por interferir na gestão das mulheres.

Dentro do plano de reforma agrária isso é bastante visível, pois em pesquisas realizadas nos assentamento do Pontal do Paranapanema no Estado de São Paulo, apenas 12% das mulheres eram tidas como beneficiárias da reforma agrária e 88% eram do sexo masculino, (dados do I censo da reforma agrária do Brasil, de dezembro de 1996 a dezembro de 1997). As informações dadas pelas

entidades relacionadas ao problema afirmam ser a falta de documentação, por parte das mulheres, para obtenção do crédito rural, pois a certidão de proprietário de terra, que na maior parte das vezes está em nome apenas do marido. (SOF,2006).

Na região onde realizamos nossa pesquisa não é muito diferente, apesar dos bancos e instituições privadas exigirem que o nome da mulher esteja na documentação da terra, as mulheres, muitas vezes, nem sabem o que estão assinando ou quanto de dívida sua propriedade está adquirindo.

Um dos trabalhos realizados no assentamento do Pontal do Paranapanema no Estado de São Paulo com mulheres, denominadas “Mulheres na reforma agrária” das autoras Lopes e Zarzar (2008), revela a organização das famílias, onde o homem, na qualidade de responsável pelo lote e como marido, apresenta-se como “chefe”. Ele é quem organiza a produção, gere seu desenvolvimento no cotidiano, toma decisões com relação a comercializações dos produtos, decide o que fazer com eventuais ganhos, como agir para minimizar as perdas, valorizar as possíveis fontes de renda, inclusive, externas.

As mulheres, na maioria das vezes, não acompanham seus maridos à cidade, por terem que ficar em suas propriedades para garantir o cuidado dela, dos filhos e dos animais, ficando assim de lado das negociações dos produtos provenientes da propriedade. O homem muitas vezes nem fala à mulher o que tratou na cidade, a quanto vendeu o produto e nem o que fez com o excedente.

A capacidade de decisão das mulheres dentro da propriedade é bem menor do que a sua participação efetiva na produção, Zarzar (2008). A autora destaca que em algumas propriedades que se dizem igualitárias, ambos discutem, mas a palavra final é muitas vezes só do homem, ela ainda destaca, que as mudanças no tradicional modelo de comportamento masculino vêm admitindo parcerias, mas não de modo efetivo.

No trabalho do dia a dia nas unidades de produção, o homem é quem coordena e distribuem as diferentes atividades, como plantio, cuidado com a plantação, colheita, trato com os animais, administração e planejamento, a definição da finalidade de itens da produção de seu lote, os contatos com os bancos, cooperativas, técnicos, entre outros. Ou seja, o homem é quem acumula o capital específico de conhecimento e de relação, que o habilita a permanecer com as mesmas atribuições e manter a posição de poder. O trabalho dos homens passa a ser tratado como atividades produtivas e as atividades das mulheres como não produtivas (DI SABBATO, 2009, p10).

Podemos observar mudanças nos últimos anos, mas com relação às mulheres do campo, essa mudança se torna mais lenta, por conta das mulheres, de certa forma, estarem isoladas em suas propriedades e muitas vezes passam semanas sem ver alguém que não seja alguém de sua família.

As atividades realizadas pelas agricultoras familiares, segundo SOF (2008), são consideradas uma extensão do trabalho doméstico. O que chama a atenção é que uma mulher casada tem sua carga de trabalho aumentada em comparação com a de uma mulher solteira, o que deveria ser ao contrário, já que se trataria de duas pessoas para dividir as tarefas. O trabalho da mulher dentro da propriedade é de extrema importância, mas não é levado em conta, pois é tratado como um trabalho leve, corriqueiro, simples, menos importante que o dos homens, por não terem egresso financeiro.

Quanto às tarefas atribuídas às mulheres, Mello (2008), coloca que elas realizam inúmeras tarefas sem remuneração mensal, no trabalho agrícola ambos dividem as tarefas, quanto à aplicação de decisivos é tarefa dos homens e as mulheres o cuidado com pomar, horta e pequenos animais, além do trabalho doméstico e alimentação. Os homens ficam presos ao mundo da produção agrícola e as mulheres ligadas ao consumo familiar, reprodução e educação dos filhos. Elas são as primeiras a tomarem iniciativas de buscar novas formas de rendimento que satisfaçam as necessidades de consumo.

Ao analisar os dados do PNAD, a SOF (2008), coloca a diferença na carga horária de serviços das mulheres do rural e do urbano em relação aos homens. As mulheres rurais trabalham em média 28,2 horas de trabalho doméstico por semana enquanto as urbanas 27 horas, quanto aos homens não há alterações entre as horas de trabalho doméstico no urbano e no rural, são 10,7 no urbano e 10,1 horas semanais do rural, mas em comparação com as mulheres se trata em 3 por 1, ou seja, a mulher trabalha 3 vezes mais no trabalho doméstico que os homens.

Na esfera capitalista se consolida a ideia de separação entre a esfera pública e a privada, sendo uma a produção e outra a reprodução. Desse modo as mulheres seriam destinadas a esfera privada, como parte de um destino biológico, vinculado à maternidade e desmerecendo o papel da produção doméstica e o papel econômico do trabalho das mulheres na família. Com o trabalho remunerado das mulheres fora de casa, é observado que não muda seu papel de dona de casa, apenas acumula funções. (SOF, 2008).

As mulheres, além de realizarem os trabalhos que são à elas atribuídos pela sociedade patriarcal, ainda tem a capacidade de modificar-se facilmente quanto aos meios de produção, além disso, tem a facilidade de se engajam em lutas que apresentam algumas especificidades, contam com uma maior flexibilidade quanto ao um modelo social, são aliadas as modernidades como a televisão e internet e articulam-se facilmente para exigir seus direitos. Hoje há mulheres em grupos onde antes só os homens tinham participação, mas ainda é pouco significativa. (ZARZAR, 2008).

Uma colocação importante de Zarzar (2008) é de que quanto mais se estuda ou se tem acesso à educação, mais as famílias estão abertas a novas formas de ver a importância da mulher dentro da família e a discutir as posições de cada membro, para isso o papel da escola torna-se relevante. Pode ser percebido que onde as escolas são mais tradicionais, reflete a condição tradicional do papel da mulher na família e em onde o debate está mais aberto. Verificam-se conflitos nas famílias, por quer mudar esse conceito de gênero atrasado ou ultrapassado.

As publicações feministas denunciam a ausência da mulher no controle dos meios de produção, por serem tratadas como dependentes, assim como os filhos. Esse fato mudou com a regulamentação do artigo constitucional feita pela portaria 981 do INCRA do ano de 2003, que garante a titularidade conjunta e obrigatória dos lotes dos assentamentos (INCRA, censo da reforma agrária, 1996/97). Mas como se sabe por meio de pesquisas de que a lei nem sempre é cumprida e a mulher muitas vezes não é colocada na escritura para evitar ter que ir assinar sempre que o marido for financiar junto aos bancos. As pesquisas realizadas pela SOF mostram que outro fator que está associado à desigualdade é a baixa escolaridade no meio rural, porém o percentual de analfabetismo é maior nos homens que nas mulheres. (SOF, 2006).

Segundo Roseli Alves dos Santos; (2013 p31):

O capitalismo e o patriarcado exploram o trabalho das mulheres, portanto as mulheres são duas vezes exploradas no mesmo espaço social, no trabalho, na família, na vida cotidiana. No caso das mulheres agricultoras, a exploração vem de duas dimensões, são exploradas no trabalho agrícola, quando na hora da venda do produto seu trabalho não é contabilizado no preço final e também no trabalho não remunerado que fica na maior parte, sob sua responsabilidade – trabalho doméstico, alimentação da família, cuidado com idosos, doentes e crianças, entre outros. (SANTOS, 2013, p.31).

O trabalho das agricultoras familiares não se restringe apenas a casa e a família, ela também precisa trabalhar na lavoura com seu marido, cuidar da horta, dos animais, dos filhos, muitas delas encontram-se esgotadas ao final do dia. Por conta dessa pesada carga de trabalho muitas mulheres migram para as cidades, situação destacada pela SOF (2008), as mulheres do rural, a maioria jovens, não permanecem no campo e procuram as cidades em busca de trabalho e estudo. Historicamente, isso se deve ao fato de que as mulheres não terem oportunidade nem autonomia econômica no rural.

Outro fator que assola as mulheres do rural são os frequentes casos de depressão. Como se sabe a depressão é um mal que atinge muitas pessoas. Segundo Sheffer (2006), as mulheres do rural estão mais expostas à depressão do que as do urbano. A autora coloca que entre as causas principais de depressão são por conta de:

As mulheres acumulam muito trabalho sobrecarregando-se e esgotando-se fisicamente podendo desencadear a doença, pois tem várias atividades no decorrer do

dia: casa, filhos, marido, trabalho na roça e não raro tornam-se doentes e esgotadas. (SHEFFER, 2016, p.21).

A autora enfatiza ainda em seu trabalho a questão de os agricultores não procurarem ajuda médica aos primeiros sintomas da doença. A causa do isolamento no campo também está colocada na pesquisa.

A forma como as mulheres passaram a tomar decisões em suas propriedades é visto como uma forma de igualdade de direitos entre gêneros, um meio das mulheres conhecerem a importância de seu trabalho e de lutarem por melhorias, conquistando cada vez mais seu lugar, mostrando o quanto são importantes dentro da unidade de produção. (SOF, 2008).

Em nosso estudo concordamos com as autoras Lopes e Zarzar (2008) e os estudos da instituição SOF(2008), no que diz respeito às agricultoras que vem sendo deixada de lado e a importância que elas tem na propriedade rural. Como é colocado pelas autoras, as agricultoras estão mais informadas, contam com mais escolaridade que os homens e estão ocupando seus lugares dentro da família e a sociedade, procurando a igualdade entre gêneros, dando mais importância aos trabalhos por elas realizados, construindo novas territorialidades.

Para compreendermos de como ocorre essa construção das agricultoras familiares buscamos alguns conceitos de territorialidade usada por autores em que embasamos nossa pesquisa.

2.5. Territorialidades

Para entendermos as relações de territorialidades, com o propósito de analisarmos nosso objeto de pesquisa, as agricultoras familiares que compõe a Trilha do Imigrante e as mudanças com relação a esse conceito. Para nosso embasamento encontramos o que nos coloca Saquet.

[...] no território, há temporalidades, des-continuidades; múltiplas e variáveis, determinações e relações recíprocas e unidade. O território, [...] é espaço de vida objetiva e subjetivamente; significa chão, formas espaciais, relações sócias, natureza exterior ao homem, obras e conteúdo. É produto e condição de ações históricas e multiescalares, com desigualdades, diferenças, ritmos e identidades. O território é processual relacional, (i) material (SAQUET. 2007.p.73).

Ou seja, que a territorialidade para Saquet 2007, nada mais é que ações humanas, de comando, ordem e poder, umas sobre as outras, essas relações podem ocorrer por motivos culturais ou não. Todas as relações têm uma construção de territorialidade seja na questão política, cultural ou até do cotidiano.

A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo e de grupos distintos. Há continuidade e descontinuidade no tempo e no espaço; as

territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar; elas dão identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar (SAQUET, 2009.p.88).

As ações humanas do dia a dia estão em constante construção de territorialidades, ou seja, em nossas relações estamos construindo nossa territorialidade, o que é mais importante, quem se sobrepõe ao comando e ao domínio, a importância de algo ou alguma coisa sobre a outra, isso em casa com a família, na escola, na rua, na igreja, nas lojas, entre outros locais de nosso convívio.

(...) compreendemos a noção de territorialidade como um processo de relações sociais, tanto econômicas, como políticas e culturais de um indivíduo ou de um grupo social. A territorialidade corresponde as relações sociais e as atividades diárias que os homens tem com sua natureza exterior. É o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção e para a organização da vida quotidiana (SAQUET, 2009, p.8).

Desse modo, para o autor, a territorialidade é resultado de tudo que fazemos e o modo com que o fazemos demonstrada em nossa vida particular e social. Cada ser tem sua territorialidade e a demonstra nas relações com outros seres e com a natureza ao seu redor.

Outro escritor que se aproxima com o pensamento de Saquet e com nossa pesquisa é Haesbaert.

(...) a territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política diz respeito também as relações econômicas pois está intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar (HAESBAERT, 2007,p.22).

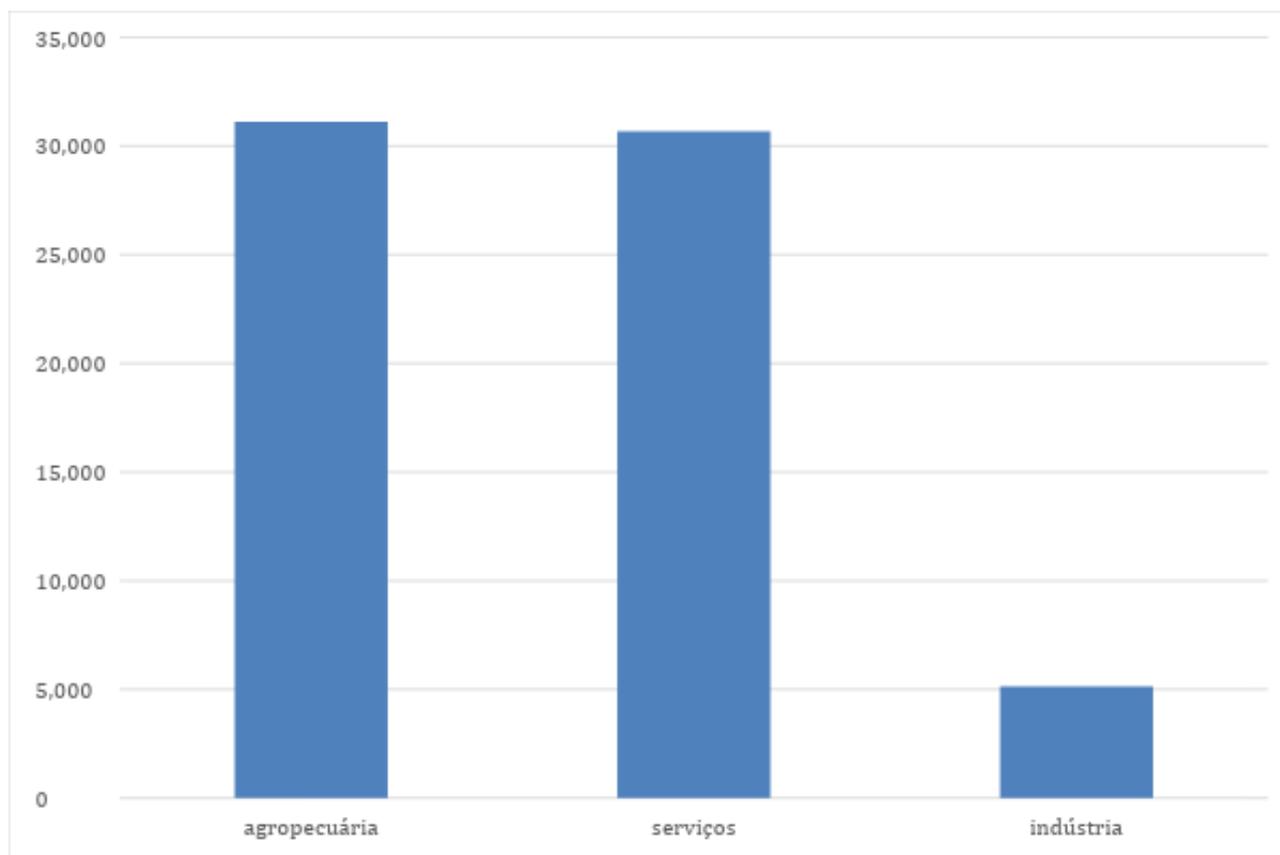
Para ele, o modo como nos relacionamos com o a natureza e a sociedade é uma forma de territorializar os espaços, cada ser constitui sua territorialização e a mantém sempre em disputa. O modo como organizamos nossa propriedade, plantando determinadas plantas em determinados lugares, ou construindo em determinados locais demonstra nossa territorialidade.

Trabalharemos com as concepções de Haesbaert e Saquet, que tratam o território, entre outras coisas, como uma disputa de poder, onde as relações culturais e materiais interferem na concepção da ideia de territorialidade. Essas concepções se aproximam de nosso trabalho, que tem como meta, demonstrar a territorialização das agricultoras familiares com o implemento do roteiro turístico, que passam a ter seus territórios mais valorizados que anteriormente. A importância que o trabalho feminino vem adquirindo frente a uma sociedade ainda ligada a culturas ultrapassadas, maxistas, que trata o território feminino, como restrito ao trabalho doméstico com a família e a reprodução, não dando a ele a importância de um trabalho que gera excedente.

3.ÁUREA-RS E OS CAMINHOS POLONESES

O município de Áurea-RS está localizado a 389 quilômetros da capital gaúcha, Porto Alegre, conta com 3.715 habitantes, sendo destes 1.362 residentes no perímetro urbano e 2.353 em áreas rurais, conforme o IBGE (2010). Entre as atividades econômicas referentes ao município a mais significativa é a agropecuária, mas nos últimos anos vem perdendo força como mostra a tabela abaixo.

Gráfico 2: - Áurea RS: Valor adicionado bruto a preços correntes/atividades econômicas e agropecuárias, 2010. (%X 1.000,00 Reais).



Fonte: Dados IBGE, censo demográfico 2010, elaborado por Sandra M.C. Bortolassi.

O PIB ou produto interno bruto do município de Áurea-RS é de R\$ 89.533,000, que dividido por habitantes resulta em 23.999,72/hab., está abaixo da média nacional que é de 29.321,71/hab.¹

No meio rural predomina-se a produção de grãos e erva-mate, que mantém sete ervateiras em funcionamento além de silos de secagem e armazenamento de grãos, gerando emprego e renda ao município.

¹ Fonte dados do IBGE Censo Demográfico de 2010.

Figura 1- Pórtico de entrada da cidade de Áurea -RS



Fonte: Acervo pessoal,(2018) Lígia Wencweleski.

O município de Áurea-RS é relativamente novo no que condiz com o tempo de sua emancipação, mas seu povoamento teve início entre os anos de 1906, segundo dados do IBGE e da prefeitura municipal. Os primeiros habitantes poloneses chegaram em meados dos anos de 1909, a localidade denominava-se Rio Marcelino, e por volta do ano de 1918 passou a se denominar Treze de maio, no ano de 1938 a Princesa Isabel e no ano de 1944 Vila Áurea.

Foi construída uma pequena capela em madeira em 1912, para que fosse colocada a imagem de Nossa Senhora do Monte Claro trazida da Polônia, em 1920 foi construída uma maior, a construção da igreja matriz como se encontra hoje ocorreu no ano de 1957. A emancipação política do município ocorreu somente em 24 de novembro de 1987, segundo dados do site do IBGE municípios.

A Igreja matriz é um dos pontos turísticos do município, restaurada recentemente, tem entre seus atrativos sua arquitetura e o quadro de Nossa Senhora do Monte Claro.

Figura 2- Igreja Matriz Nossa Senhora do Monte Claro.



Fonte: Acervo pessoal, (2018) autora.

Áurea-RS, recebeu esse nome para homenagear a princesa Isabel que ainda na época do Império acolheu e ajudou os primeiros imigrantes poloneses que perderam seus filhos por conta de uma epidemia. Afim de lembrar esta atitude e homenagear a princesa por conta da lei de libertação dos escravos, os descendentes colocaram o nome da localidade de Áurea, dados do site da prefeitura municipal de Áurea-RS.

Com a oficialização do título de Áurea-RS como capital polonesa dos brasileiros em novembro de 1999, teve-se o reconhecimento de que a cultura polonesa é um diferencial desse município, diversas instituições como a igreja e o estado iniciaram ações de valorização da cultura polonesa, como missas em polonês o incentivo de aulas de língua polonesa nas escolas.

A prefeitura municipal incentivou a criação de um grupo de danças típicas “Auresovia”, que se apresenta em vários lugares até na Polônia. Além disso, a prefeitura com a comunidade pastoral da Igreja matriz montou uma “Festa Nacional da Czarnina” no ano de 1999, comida típica dos povos poloneses onde o sangue de pato era cozido acompanhado da carne da ave, no sentido de incrementar do prato, são servidos além da sopa vários outros pratos típicos poloneses e a apresentação dos grupos de dança mirim e juvenil. Ela é conhecida nacionalmente e sempre realizada nos meses de junho,

movimentando o município de Áurea e região, este ano está na 20ª edição e os ingressos são limitados a fim de se manter uma boa recepção dos visitantes e a elaboração dos alimentos, os ingressos sempre se esgotam semanas antes da festa tanto é a procura pela festividade, ressalta Lígia.

Figura 3- Czanina, prato típico da culinária polonesa



Fonte: Acervo pessoal,(2018) Lígia Wenceleski.

Dentro do contexto do município, de capital polonesa dos brasileiros, a EMATER-RS/Ascar, também contribuindo com o propósito de manter a cultura e o patrimônio da imigração polonesa, iniciou um conjunto de ações com as agricultoras familiares de resgate de plantas, flores, receitas e artesanato trazidos pelos imigrantes.

Como aponta a extensionista da EMATER-RS/Ascar do município de Áurea, após a realização de cursos voltados a área de paisagismo e culinária, foram identificados potenciais voltados ao turismo rural, a extensionista vendo a possibilidade da implementação de um roteiro turístico, apresentando a proposta para o grupo de mulheres, várias famílias aderiram, com isso foi possível a implementação de dois roteiros.

No início destaca Lígia, cinquenta famílias se inscreveram para receberem os cursos, mas apenas dezessete famílias aceitaram a proposta de entrarem na rota, por terem disponibilidade de

preparar os alimentos e receberem os visitantes, como o número de famílias era grande foram criados dois circuitos, a Rota turística resgatando a História e a Trilha do Imigrante, com rotas distintas, mas com o mesmo propósito, de mostrar a cultura de seus antepassados, manter vivas suas tradições e agregar renda as propriedades.

O município de Áurea-RS, como um todo se beneficiou com a organização dos roteiros, não só pela divulgação do lugar, mas com o número de pessoas que passaram a visitar a cidade, até a realização da presente pesquisa, abril de 2018, foram realizadas setenta e duas excursões com média de trinta pessoas cada.

3.1.A rota turística “Caminhos Poloneses”.

A Rota Turística Caminhos Poloneses constitui-se com uma experiência de turismo articulando as peculiaridades do município de Áurea-RS. Oferece aos visitantes elementos da cultura polonesa e do patrimônio dos antepassados. Além disso, proporciona ao turista um dia em meio ao campo e paisagens relacionadas à agricultura familiar, além de comidas e bebidas típicas e modelos de hortas e jardins que mantêm a originalidade dos pequenos produtores associados à cultura polonesa.

Disponibiliza aos visitantes dois roteiros: “Rota do Imigrante”, voltada ao Turismo Rural que proporciona visitas a residências rurais e contato com seus lugares de vida, o que produzem e como produzem; e “Resgatando a História”, com visitas ao museu e Casa do Imigrante, nos quais são exibidos utensílios e ferramentas utilizadas pelos imigrantes, além de visitas à algumas casas no rural.

A rota turística foi inaugurada em 29 de abril de 2016. Apesar de ser relativamente nova, tem repercussão na imprensa, como, por exemplo, reportagens no programa #partiu RS do Jornal do Almoço da RBS TV² e no jornal Zero Hora³ da capital gaúcha.

A rota turística “Caminhos Poloneses” recebe os visitantes por meio de agendamento antecipado. Os turistas são grupos da região sul além de pessoas de países como Alemanha e Polônia. São aceitos grupos de 15 até 60 integrantes, dimensões que visam manter um padrão de atendimento adequado aos turistas. No momento do agendamento, além de informar o número de pessoas, é solicitado informações referentes ao perfil dos turistas. Essas informações têm por objetivos adequar os pontos de visitação às expectativas dos visitantes. Os grupos de idosos, por exemplo, são priorizadas visitas e atividades com pouca locomoção. Para jovens com perfil aventureiro são

² “#partiuRS” /Jornal do Almoço; programa televisivo semanal como foco em reportagens sobre turismo exibido pela Rede Brasil Sul (RBS TV).

³ Zero Hora; jornal impresso diário da cidade de Porto Alegre-RS.

oferecidas trilhas e caminhadas, enquanto que para crianças são oferecidas experiências de educação ambiental. A rota turística, segundo Lígia (2018) até março de 2018 recebeu cerca de 70 excursões.

As rotas iniciam na Igreja Matriz Nossa Senhora do Monte Claro, onde os visitantes são convidados a experimentar um pedaço de pão com sal, representando abundância e felicidade, conforme explicam os próprios integrantes da rota. Posteriormente, os visitantes adentram a igreja e se deparam com uma arquitetura singular, sendo convidados a conhecer um pouco da história dos colonizadores e crenças religiosas.

Após os turistas são encaminhados para uma das duas rotas, conforme prévio agendamento. Nesse momento as rotas passam a se distinguir, pois a rota “Trilha do Imigrante” ocorre no interior do município e a trilha “Resgatando a História” proporciona roteiros localizados no perímetro urbano da cidade. A presente pesquisa tem foco na Trilha do Imigrante (TI). Assim, apresentaremos maiores detalhes sobre esta.

3.2. Trilha do imigrante

A Trilha do Imigrante (TI) é uma rota turística que faz parte da rota turística “Caminhos Poloneses”, propõem-se a mostrar o cotidiano das famílias, o cuidado com o meio ambiente, as novas formas de manejo sustentável, além de mostrar ao turista aspectos da cultura polonesa. As famílias que compõe esse roteiro moram no campo e trabalham na agricultura. Os agricultores da Região Norte do Estado do Rio Grande do Sul, contam, na maioria das vezes, com terrenos acidentados e pedregosos o que dificulta a mecanização.

São dez famílias que compõe o grupo, estas são responsáveis pela recepção do turista na TI, organizando-se conforme a proximidade e divididos em três grupos menores. O primeiro prepara os alimentos que serão servidos no café da manhã. O segundo o almoço e o terceiro grupo com o lanche. Para elaborarem as comidas que serão servidas aos visitantes, normalmente se encontram um dia antes das visitas.

Esse grupo de dez famílias organiza-se quanto ao que precisa ser comprado para a elaboração dos pratos típicos, esse dinheiro para compra sai do que é cobrado de cada visitante, o que sobra é dividida igualmente a cada família. Além deste recurso financeiro que cada família recebe com a visita, conforme a disponibilidade é preparada algo para vender em cada propriedade visitada, para ajudar na renda familiar.

A primeira família a ser visitada é o “Sítio do tio Zílio”, onde o principal atrativo são as plantas medicinais, ornamentais e hortaliças que dividem espaço entre si. Assim os predadores não atacam

as plantas, segundo os proprietários por não as achar, com isso não há uso de defensivos e o local fica visualmente muito agradável. Na propriedade reside apenas o casal, os dois filhos deles residem na cidade.

No segundo ponto de parada, visita-se a “Sitio Ujacob”, em que é servido o café da manhã. No local a família mantém uma cancha de bochas, espaço para festas que aos finais de semana são alugados para o público em geral, quando não há visitação, dependendo da dinâmica do grupo   oferecido um passeio a cavalo. São servidos aos visitantes vários alimentos elaborados pelo grupo de mulheres. A família aproveita enquanto os turistas estão degustando o café da manhã para apresentar os componentes da mesma, que   composta pela esposa, que   uma enfermeira aposentada e atualmente atende como massoterapeuta, seu marido cuida da horta e dos jardins, vende mudas de flores e chás.

Na terceira propriedade, denominada “Aconchego da família”,   onde a sucessão familiar   um dos atrativos. Conta com três gera es da mesma família que trabalham em sua horta desde as crianças até a Babka⁴. A família   composta pelo casal os três filhos, sendo uma estudante universitária, que volta para casa apenas nos fins de semana, dois filhos pequenos, além da babka. A família trabalha com a agricultura convencional e a sua renda familiar provem da comercializa o de grãos. Nessa propriedade o turista pode visualizar uma horta em forma de mandala e receber informa es sobre essa técnica, além de observar vários jardins com espécies adequadas ao clima local. Podendo comprar mudas se assim preferir.

A quarta propriedade   o “Bosque do Monjolo”, onde o turista pode visualizar a produ o artesanal do fubá e erva mate, o forno de barro e um secador doméstico de gr os. Na propriedade reside apenas o casal, os filhos estão residindo na cidade. A propriedade encontra-se em processo de transi o de uma cultura de fumo para o trabalho com o gado de leite, produzem queijo, cultivam chás, mudas de flores e a cachaça artesanal.

A quinta propriedade “Encanto das Rosas”, a família trabalha no cultivo do fumo e o gado de leite, o atrativo da propriedade são as rosas. Residem na propriedade o casal e o filho pequeno. Os turistas são convidados a observarem os jardins compostos com todas as cores, são disponibilizadas mudas e derivados de leite fresquinhos para quem quiser adquirir.

A sexta propriedade   o sítio “Novo jeito de ser”, onde um casal jovem recebe os visitantes, movidos pelos encantos do interior deixaram a cidade e vieram residir no campo, dedicam-

⁴ BABKA: Significa av  em polonês.

se a agricultura e em seu jardim construíram um poço dos desejos onde o visitante é convidado a fazer um desejo e encontrar motivações na fonte da felicidade.

Após essas visitas os turistas seguem para a propriedade denominada “Sabores da Babka”, onde é servido um almoço típico polonês, trata-se de uma casa de imigrantes com traços da colonização polonesa. Nesse ambiente é servido um farto almoço que contem entre outras comidas típicas da imigração polonesa a Czarnina e o Pirogue.

Nessa propriedade todos os integrantes da rota se reúnem para servirem o almoço e confraternizarem junto com os visitantes, conversando e contando histórias dos descendentes e cantando músicas típicas. No local os moradores mantêm uma agroindústria de panificação onde a esposa trabalha na elaboração dos produtos e o marido vende de casa em casa, além do filho do casal que mantêm vacas de leite e galinhas poedeiras para suprir as necessidades da agroindústria da família.

Após o almoço os turistas continuam seu roteiro de visitas em uma família que produz hortaliças a, “Hortifruti Ionczik”. Os produtos são comercializados na feira da cidade de Erechim. Nessa propriedade os turistas podem observar o convívio da família, onde se encontram quatro gerações, convivendo e trabalhando juntas. O respeito as tradições passadas de pai para filho e de babkas para os bisnetos. Nessa propriedade reside um casal aposentado com seus pais em uma casa próxima um casal jovem seus dois filhos. O turista pode observar as flores dividindo espaço com as hortaliças e o benefício para ambas. A propriedade oferece aos visitantes sementes de flores para quem quiser adquirir e artesanato como almofadas, tapetes e toalhas confeccionados pela Babka.

A segunda propriedade após o almoço é a “Recanto da Natureza” que recebe os visitantes com águas aromatizadas, chimarrão e salada de fruta. Nessa propriedade residem o casal e uma filha. O principal atrativo da propriedade é a natureza em meio aos jardins as margens do rio Carola, onde os visitantes podem se refrescar em uma cachoeira ou se preferirem se aventurar em uma trilha em meio a mata preservada. A família confecciona artesanato para auxiliar na renda.

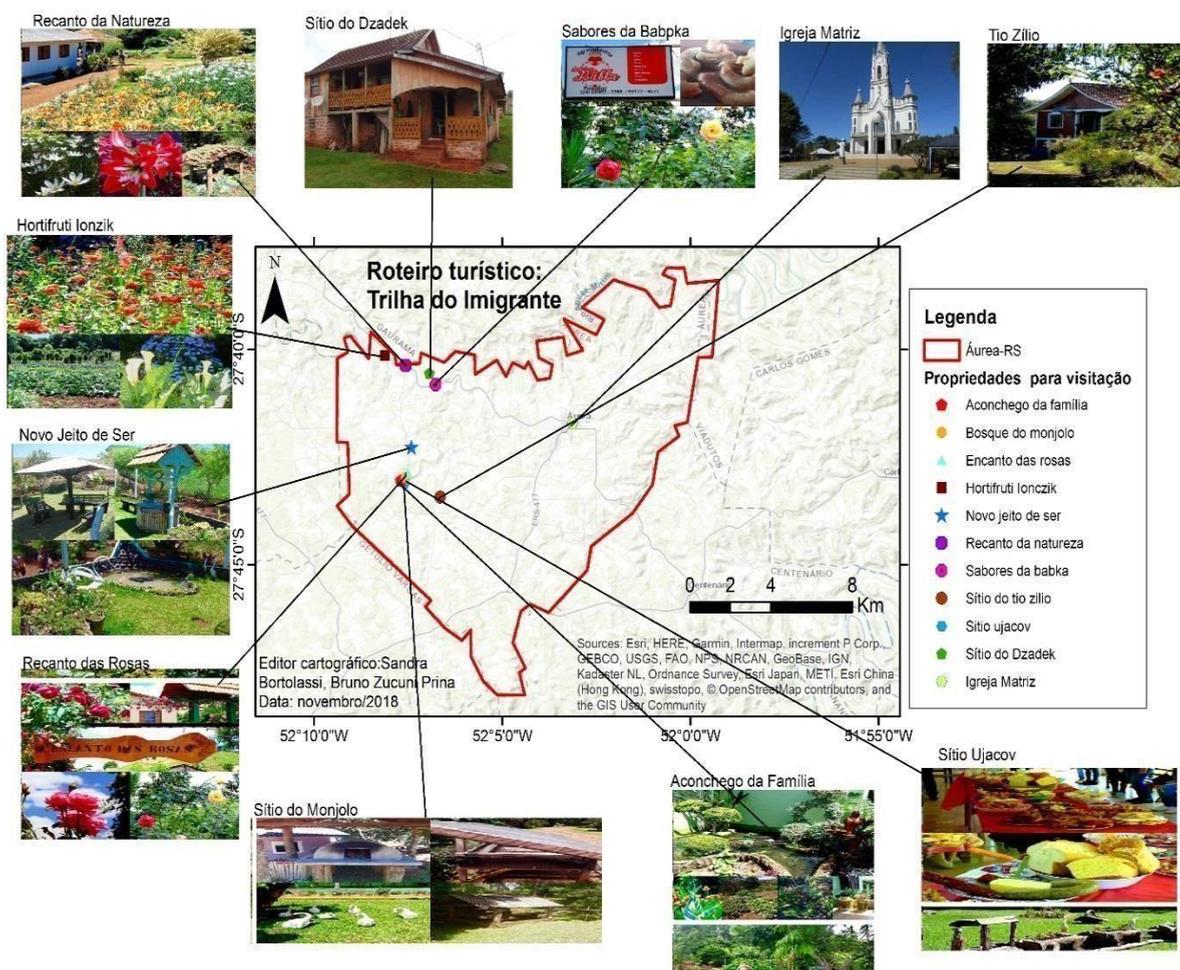
Na última propriedade, os visitantes conhecem o “Sítio do Dziadek”. Atualmente não reside ninguém, apenas os proprietários utilizam o local como área de lazer aos fins de semana e quando ocorre a visitação. A casa em madeira de quase cem anos, construída com a técnica de encaixe. Possui todas as estruturas de uma casa colonial, mantêm galpão, estábulo, garagem e forno em pedra para a secagem da erva mate, tudo isso cercada por uma taipa de pedra construída pelos imigrantes poloneses para servir de cerca aos animais. A propriedade ainda conta com uma pequena trilha onde os visitantes podem observar as nascentes da propriedade bem preservadas e algumas caixas com abelhas. Nessa

propriedade os visitantes são convidados a visitar um galpão onde o proprietário mantém vários utensílios usados pelos imigrantes poloneses. Além disso, nessa propriedade é realizado o Ognisko, uma representação dos costumes dos imigrantes poloneses onde cada visitante é convidado a assar uma linguiça espetada em uma taquara em torno do fogo de chão onde são embalados pelas cantigas de festa.

Contam os anfitriões que era assim que os poloneses faziam quando saíam para trabalhar na lavoura longe de suas casas na Polônia. Levavam consigo apenas a linguiça, o pão e um pouco de Vutka⁵ que com o frio formava um bloco de gelo, e os antepassados bebiam um pouco para se aquecerem.

Ao final do lanche, a festa continua com danças ao ar livre em um campo coberto de grama. Os visitantes são levados até seu meio de transporte e despedidos ao som da sanfona e convites para que voltem novamente para festejarem a cultura e a tradição polonesas.

Mapa 2 - Mapa de Área roteiro turístico: Trilha do Imigrante, 2018.



Fonte: Base de dados fepam, elaborado por Sandra Bortolassi e Bruno Zucuni Prina, com o auxílio do ArcGIS.

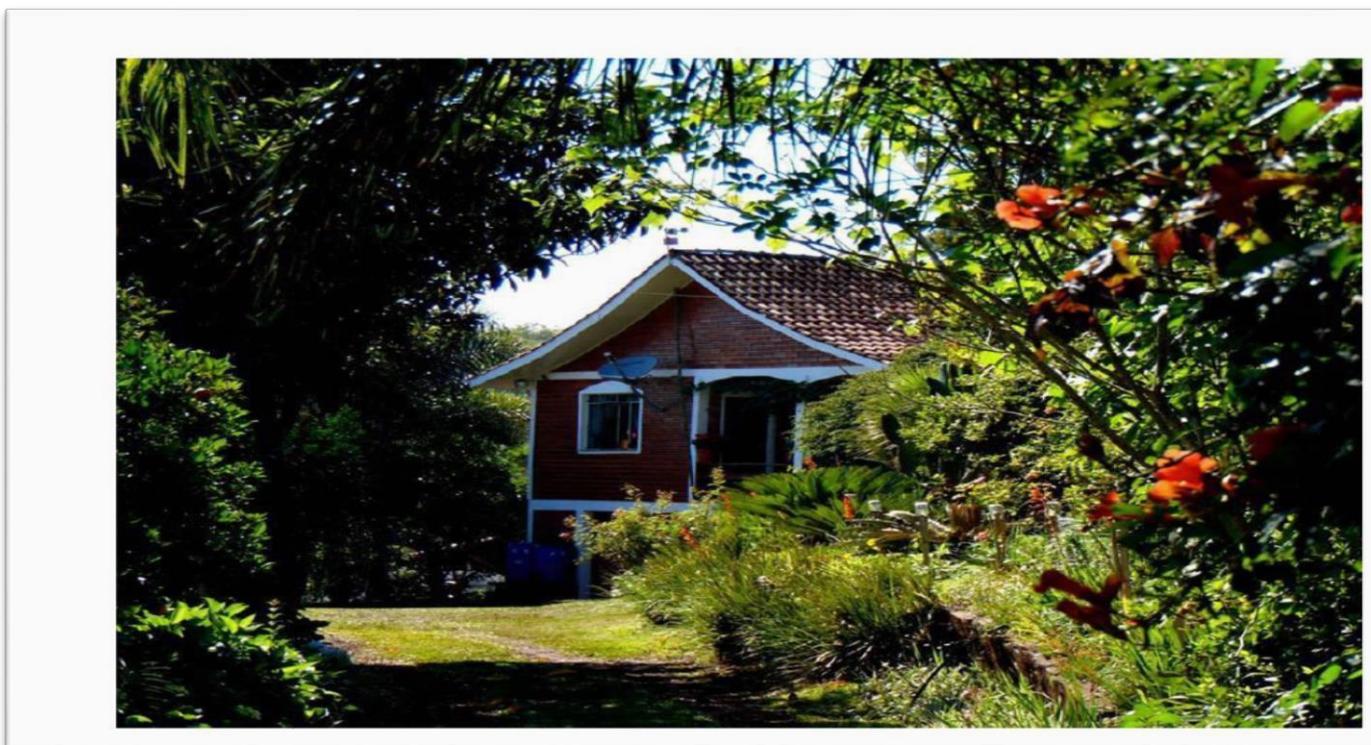
⁵ Vutka: Cachaça artesanal, destilado de cana de açúcar.

Figura 5 - Primeiro Local a ser visitado: á Igreja Matriz, sede do Município.



Fonte: acervo pessoal, (2018) autora.

Figura 6 - Primeira propriedade " Sítio do Tio Zilio "



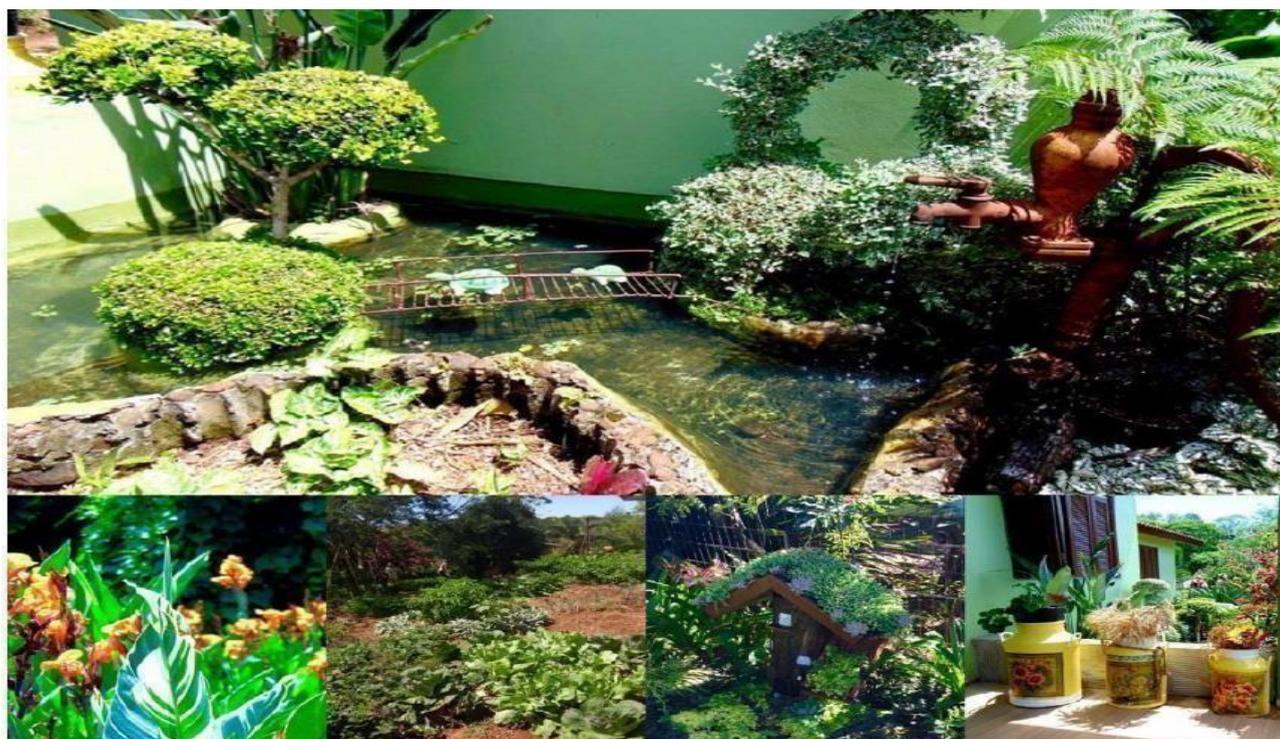
Fonte: Acervo pessoal, (2018) Lígia Wencelwski.

Figura 7 - Segunda propriedade "Sítio Ujacov"



Fonte: Acervo pessoal, (2018) Lígia Wencelewski.

Figura 8 - Terceira propriedade "Aconchego da família"



Fonte: Acervo pessoal, (2018) Lígia Wencelewski.

Figura 9 - Quarta propriedade "Bosque do Monjolo"



Fonte: Acervo pessoal,(2018) Lígia Wencielewski.

Figura 10 - Quinta propriedade " Encanto das Rosas"



Fonte: Acervo pessoal, (2018) Lígia Wencielewski.

Figura 11 - Sexta propriedade " Novo jeito de ser"



Fonte: Acervo pessoal, (2018) Lígia Wenceslewski.

Figura 12 - Sétima propriedade " Sabores da Babka"



Fonte: Acervo pessoal, (2018) Lígia Wencelewski.

Figura 13 - Oitava propriedade " Hortifruti Ionczik"



Fonte: Acervo pessoal,(2010) Lígia Wencelowski.

Figura 14 - Nona propriedade "Recanto da Natureza"



Fonte: Acervo pessoal,(2018) Lígia Wencelowski.

Figura 15 - Décima propriedade "Sítio do Dziadek"



Fonte: Acervo pessoal,(2018) Lígia Wencelewski.

3.3.Organização da trilha do imigrante (TI)

A TI se origina de um grupo de mulheres, por volta do ano de 2000, que mantinham encontros mensais, onde a EMATER-RS/Ascar disponibilizava cursos de artesanato, jardinagem e culinária. Esse grupo de mulheres tinha um interesse especial em embelezar suas propriedades, com isso a extensionista Lígia Wencelewski optava em realizar com frequência os cursos de jardinagem. A cada novo curso as mulheres aumentavam seus jardins e os incrementavam com flores adaptadas ao clima região, além de adaptar a técnica da horta na forma de mandala e o consórcio destas com as flores.

A extensionista percebendo que o local poderia ser um atrativo turístico para a região, propôs as mulheres uma rota de visitação. Após o amadurecimento da ideia e algumas melhorias nas propriedades, no ano de 2016 foi inaugurada a rota turística Caminhos Poloneses e compondo a mesma a Trilha do Imigrante.

Com o aumento da procura pelas visitas nas propriedades houve a necessidade da reorganização do grupo visando melhorias no atendimento aos visitantes, foram assim criados grupos familiares responsáveis pelas etapas do trajeto.

O grupo responsável pela rota TI mantêm reuniões mensalmente além de contar com uma coordenadora que é responsável pelo agendamento e cobrança das visitas, bem como, a compra de produtos que serão utilizados na elaboração dos alimentos servidos durante a visitação. As mulheres se organizam de acordo com a proximidade e alguns dias antes de ocorrer à visita se reúnem para

elaborarem os alimentos para o café da manhã o almoço e o lance. Ao final o dinheiro recebido, descontando-se gastos é distribuído igualmente a cada família.

As famílias que compõem o TI contam com o suporte técnico da EMATER-RS/Ascar no que diz respeito a cursos e organização dos grupos e da prefeitura municipal que auxilia na divulgação do roteiro turístico.

A rota turística “Caminhos Poloneses” recebem em média uma excursão ao mês, sendo que no verão e na primavera essa procura é mais constante, se restringindo nos meses de outono e inverno por conta das diversidades climáticas da região, que nos dias de inverno são mais chuvosos, de dias com menos luminosidade e frios, as excursões mantêm seu número de visitantes de 20 a 60 pessoas. O acesso as propriedades ocorrem por meio de estradas vicinais.

As visitas ocorrem no período da manhã e tarde, onde os visitantes percorrem de ônibus ou van as propriedades dos integrantes da rota, em cada casa são oferecidas além de comidas e bebidas típicas algum produto da propriedade como artesanato, queijo, marmelada, compotas, chás, mudas de flor, salames, pães, cucas, bolachas, verduras e legumes conforme a produtividade de cada família.

Uma preocupação do município de Áurea-RS, segundo Wencelewski(2018) extensionista da Emater-RS/Ascar do município, era a renda dos pequenos agricultores e a permanência destes no campo, com a implantação da rota o que cada produtor vende em sua propriedade é de ganho individual. O custo para o visitante é de 50 reais por pessoa, com café da manhã, almoço e lanche. A visita normalmente inicia às 8 horas e termina às 17 horas podendo estender-se por mais tempo conforme a dinâmica de cada grupo.

Inicialmente o roteiro foi elaborado com o intuito de valorizar a cultura dos antepassados, mas hoje vai muito além disso, pois conta com a manutenção das hortas orgânicas o que traz para o pequeno agricultor a oportunidade de cuidar de sua saúde diminuindo a ingestão de agrotóxicos a partir dos alimentos mais naturais, é a cultura se reinventando, conforme Wencelewski (2018).

A reorganização dos jardins que transformaram as residências, oferecendo aos visitantes e aos moradores um atrativo aos olhos e bem-estar. O agricultor foi incentivado a investir na reforma e manutenção de suas residências, a fim de manter a simplicidade e a beleza da pequena propriedade, construindo quiosques rústicos e lugares simples para os visitantes usufruírem além de conhecer a história dos agricultores, que após as visitas utilizam estas dependências para uso próprio.

O cardápio das famílias que fazem parte da rota está mais diversificado, após o trabalho realizado com os agricultores pela EMATER-RS/Ascar. A manutenção da cultura dos antepassados,

cultivada com o uso das vestimentas típicas e a utilização da língua polonesa no dia a dia dos agricultores, serviu para elevar a autoestima do homem do campo e dos descendentes de poloneses. A mudança no cotidiano das mulheres, a manutenção do pequeno agricultor rural no campo também estão entre as mudanças que ocorreram nas propriedades e na vida dos integrantes das rotas turísticas, segundo a extencionista da Emater-RS/Ascar, (WENCELEWSKI, 2018).

4. MULHERES DO TURISMO E AS NOVAS TERRITORIALIDADES EM MEIO AS RELAÇÕES DE GÊNERO.

As agricultoras familiares que compõe o roteiro turístico trilha do imigrante são mulheres casadas e mães. Possuem de um a três filhos, com exceção de uma componente que ainda não tem filhos, tem idades entre 30 e 68 anos e escolaridade entre ensino fundamental incompleto e ensino médio. Apenas uma componente trabalha fora da propriedade, uma vez que é agente comunitária de saúde, as demais têm sua renda oriunda estritamente das atividades econômicas das unidades de produção aonde residem.

Após essa breve descrição das mulheres do turismo, passamos a apresentar algumas percepções desta com relação às agricultoras familiares. O primeiro ponto a destacar refere-se aos tipos de interações realizados por elas e os momentos. Antes de entrarem na rota turística os dias eram sempre parecidos, relatam elas, AF2 “[...] [Antes de entrar no roteiro não tinha muita coisa de diferente, os dias eram praticamente iguais.]” realizavam seu trabalho dentro de suas propriedades, em algumas tardes iam visitar as vizinhas mais próximas para tomar chimarrão e conversar sobre o cotidiano, nada de mais interessante, viam sempre as mesmas pessoas, os vizinhos mais próximos, os componentes da família.

Com a entrada da família no roteiro turístico as agricultoras familiares encontram-se mensalmente para conversarem, mesmo que não haja excursões, quando há algum grupo agendado, na semana da visita elas costumam se reunir mais vezes para os preparos das comidas que serão servidas no dia da visita. No dia em que ocorre a visita todas também se reúnem no almoço e na hora da despedida do grupo.

As propriedades mudaram significativamente, porque antes da entrada das agricultoras familiares no roteiro turístico os jardins eram pequenos e com um significado menor, utilizando pouco espaço dentro da propriedade. Após a implementação da rota as mulheres passaram a incrementar seus jardins, passaram a fazer deles, o cartão de visita de sua propriedade, cultivando flores permanentes, nativas, que floram independente da temperatura e da estação do ano. Além disso, passou a existir a troca mudas entre elas, economizando assim com a compra de mudas e ampliando os laços de cooperação.

As hortas ganharam novas formas, tanto no formato dos canteiros, quanto ao manejo e plantio das mesmas, com verduras e hortaliças dividindo espaço com as flores, dificultando assim o ataque de insetos e o uso de defensivos para controle de pragas. Os chás que com o passar dos anos foram sendo esquecidos, são agora fonte de incremento da renda e na saúde dos agricultores familiares. As propriedades rurais mudaram a casa onde é servido o almoço, por exemplo, antes dependia da venda de leite in natura e da venda de grãos.

Hoje seu sustento tem incremento da agroindústria Isso tomou forma, pois alguns visitantes passaram a demandar alguns produtos servidos no almoço. A proprietária resolveu montar, para atender essa demanda, uma agroindústria familiar onde produz pirogue, bolachas e pães. Outras propriedades também mudaram, investindo nos chás, no artesanato, venda de mudas de flores, queijo e embutidos, entre outros.

As propriedades não ultrapassam os 25 hectares e na maioria das vezes com terrenos acidentados e pedregosos, o que dificulta o trabalho mecanizado. A AF9 explicita essa condição “[...]A minha propriedade além de ser pequena conta com bastante mato, o rio corta ela ao meio, além disso é um terreno bastante acidentado, plantamos pouca coisa apenas o feijão e milho tudo à mão por que não temos área mecanizada”. A maioria dos agricultores não conta com maquinário para o plantio e colheita de suas propriedades, como tratores, plantadeiras e colheitadeiras, pagam para que seu terreno seja plantado e colhido. Apenas uma família mantém o maquinário necessário para realização dos trabalhos referentes ao plantio e colheita, desse modo está o realiza frente ao pagamento por hora trabalhada. As famílias que compõe o roteiro têm como principal fonte de renda o cultivo do fumo, da erva mate, gado de leite e grãos.

As famílias trabalham, de modo geral, dentro de suas propriedades com a agropecuária e a agroindústria, apenas uma agricultora que mantém um emprego de agente comunitária de saúde, mas após seu turno volta para casa para ajudar seu marido com o trabalho da propriedade. As famílias têm entre dois a cinco integrantes/membros, sendo que em três delas os avós também compõem o grupo familiar.

Quando ocorrem as visitas às agricultoras relatam que se sentem felizes, pois podem mostrar o que tem em cada propriedade. Recebem muitos elogios e sempre fazem novas amizades, trocam ideias e difundem a cultura polonesa. A AF8 aponta “[...] Gosto muito, eles vem e elogiam nossa casa e nossos jardins, isso para nós é como se elogiassem a nós mesmos”.

Houve uma nova visão quanto à cultura e os costumes do povo polonês, mostrando a importância dos descendentes, suas tradições, culinária, artesanato, língua, danças, entre outros. O incentivo ao agricultor familiar incrementando o lucro da propriedade, com atividades que demandam

pouco investimento aproveitando a dinâmica da propriedade e os conhecimentos dos agricultores familiares. (WENCESLEWSKI, 2018).

Se por ventura alguma agricultora não puder receber o grupo turístico em determinado dia, as visitas passam a ocorrerem nas outras, pois tem propriedades que tem muita coisa para mostrar e às vezes falta tempo para o visitante observar tudo. A AF1 coloca que; “[...] Ocorreu algumas vezes de não estarmos em casa daí eu aviso as outras componentes e elas prosseguem sem mim, não temos membros insubstituíveis sempre pegamos juntas”.

As famílias necessitam de algum ganho extra para manter a qualidade de vida. Para incrementar a renda das pequenas propriedades rurais, algumas mulheres procuram vender algum excedente de produção como: ovos, queijo, embutidos, artesanato, entre outros, e isso ficou mais fácil com o roteiro, pois agora as agricultoras familiares não precisam sair de casa para vender seus produtos, como coloca a agricultora familiar, AF8 “[...] Agora tenho uma horta grande onde cultivo quase que de tudo para nosso consumo e o que sobra estou fazendo compotas, tenho jardins lindos e um pomar que no futuro vai garantir uma nova fonte de renda para minha propriedade.” Apesar da maioria das agricultoras familiares possuírem automóvel, apenas uma delas possui carteira de habilitação, o que dificulta eventuais saídas delas da propriedade rural, mantendo assim uma dependência do marido quanto a esse contexto, como colocado, AF8 “[...] Temos automóvel mas só o marido é quem dirige.”

As agricultoras familiares ainda não contam com ganho significativo com as visitas, mas conseguem administrar o pouco que ganham e planejam no futuro mais opção de produtos à venda para o visitante.

Quanto à qualidade de vida e da alimentação, AF8 destaca “[...] Na minha propriedade mudou a questão da horta e do pomar, que agora temos nos alimentado com o que produzimos, estou investindo na conserva de frutas e verduras, mas ainda não temos muita coisa, mas com o tempo vamos nos aprimorando e crescendo”. Relatam as agricultoras familiares que já veem muitos ganhos, estão mais felizes fazendo planos com o dinheiro, que agora compete a elas administrarem.

Apenas uma família não possui automóvel, porém entre todas apenas uma tem carteira de habilitação, o que dificulta a ida delas a cidade e a pontos mais distantes. Dependem da “boa vontade” dos maridos. A distância média das propriedades rurais até a sede do município é de 20 quilômetros em estrada de chão. A prefeitura municipal disponibiliza transporte público apenas uma vez na semana.

Quando é preciso ir à cidade, prioriza-se a ida de uma pessoa da família, pois opta-se por não deixar a propriedade sozinha, como coloca AF1 “[...] Quando o que precisa ser comprado é pra casa, eu vou e quando é para a lavoura, ele vai, é mais difícil hoje sairmos os dois de casa por que somos

apenas nós e nossa casa fica distante das outras,’’ e nesse caso normalmente vai o homem por conta da habilitação.

Dentro das propriedades rurais as mulheres ficam responsáveis pelo serviço da casa, horta, jardins, animais de pequeno porte, como porco e galinha, ajudar no leite e na roça, fazer o queijo e ao marido fica a responsabilidade de trabalhar na lavoura. Coloca a AF9 “[...] Trabalho em casa, na horta e no jardim, e ajudo com os animais domésticos, na safra quando tem que colher o feijão e o milho muitas vezes vou ajudar.’’ Quando é necessário comprar algo referente a propriedade e aos animais, o homem é quem vai à cidade comprar.

A mulher, muitas vezes não tem conhecimento do que é utilizado nas lavouras. Como relatado em entrevistas, às mulheres não costumam participar das compras de insumos e nem da venda de excedentes da propriedade, tratam isso como “assunto dos homens” como na citação AF4 “[...]Vamos juntos ele vai atrás dos interesses dele, silo, banco, agropecuárias e eu dos meus, lojas mercado.’’ Culturalmente ainda encontram-se subjugadas a eles, mas frente a este conceito as mulheres colocam que os homens podem fazer o “serviço das mulheres” se assim o quiserem, ou precisarem e que se no caso elas precisarem fazer o que dizem “serviço dos homens” também o fazem, com isso percebe-se uma mudança quanto a cultura machista mas ainda tímida, AF4 destaca, “[...] Muito vem do costume de que a mulher é responsável pelo serviço da casa e o marido da roça, então é difícil mudar, mas já muitas coisas eles fazem, como nos ajudarem em alguns serviços, mas é com muito custo só se não podemos mesmo fazer’’. Com relação a venda do excedente da produção da propriedade rural também foi relatado pelas mulheres de que o homem é responsável por essa tarefa, bem como a de negociar com bancos e cerealistas. Isso pode ser observado que a questão cultural machista, de que a mulher não costuma frequentar alguns locais é bem presente, como colocado por AF4 “[...] Vamos juntos ele vai atrás dos interesses dele, silo, banco, agropecuárias e eu dos meus, lojas mercado’’.

Com a entrada das agricultoras familiares no roteiro turístico pode ser observado que elas mudaram sua rotina de trabalho. Elas expõem que antes trabalhavam em casa e ajudavam na lavoura, e agora só no caso de o marido não vencerem o serviço, como na colheita por exemplo. Na maior parte do tempo elas ficam envolvidas com os jardins, a horta e o pomar, o serviço na lavoura fica quase que de exclusividade do marido.

Antes de fazerem parte da rota turística elas ficavam na maior parte dos dias em casa, envolvidas com o trabalho doméstico e o trabalho na lavoura, poucas vezes, saíam de suas casas, e quando saíam iam até as vizinhas mais próximas. Por vezes passavam-se semanas sem ver alguém que não fosse de seu convívio cotidiano, não tinham interesse nas redes sociais, acessavam raras vezes e nem em conhecer algo de novo. Depois que começaram a fazer os cursos da EMATER-RS/ASCAR

e ingressaram na rota turística conheceram novos amigos. As redes sociais, que antes elas não tinham interesse, agora fazem parte do dia a dia delas. Utilizam-se dessa ferramenta para conversar com os novos amigos e para pesquisar sobre novas técnicas para suas hortas e jardins.

Com a realização de nossa pesquisa, foi possível percebermos que as agricultoras familiares que fazem parte do Roteiro Turístico Trilha do Imigrante, agregaram conhecimento com relação aos jardins, hortas, pomares, culinária, cultura, entre outras. Quando é necessário o uso de defensivos este ocorre com o uso de materiais e plantas retirados da natureza para que haja uma diminuição do uso de defensivos industrializados, no espaço da horta, que fazem mal a saúde do agricultor.

Houve a valorização do trabalho das mulheres, um olhar diferenciado dos agricultores em relação à propriedade rural, com perspectivas de melhorias e reformas. Além disso, surgiu o orgulho de morar naquele local. Com a valorização da cultura polonesa que na região é bastante difundida, por conta de sua povoação de grande maioria polonesa, pode ser ressaltada com a implementação do roteiro turístico. As próprias mulheres colocam que tinham receio de falar a língua dos antepassados por serem ridicularizadas e hoje sentem orgulho. A culinária típica polonesa foi resgatada, muitas receitas que eram feitas pelas avós, hoje estão na mesa de todos os participantes do roteiro.

Além do curso de jardinagem, as agricultoras receberam curso de panificação, conservas e turismo, para melhor aproveitamento e gestão dos recursos da propriedade.

As agricultoras familiares afirmam que AF3 “[...] O meu trabalho aumentou, mas a satisfação também antes não tinha uma horta tão grande, nem jardins e também o pomar ficou maior e mais variado.” Após a implementação do roteiro turístico houve um aumento no trabalho, mas com ele também houve um aumento na qualidade de vida por meio das hortas, pomares, jardins, visitas e das reuniões, onde elas podem além de aprender novas técnicas de manejo, ensinar aos visitantes e as outras integrantes receitas dos antepassados. Elas se sentem mais felizes como indica AF2 “[...] Agora tenho muita coisa de diferente além dos jardins e hortas mudou o cotidiano, todo mês nos encontramos para conversar e trazer o que fizemos durante e isso nos faz mais felizes”. Ela coloca de que seu trabalho é visto como importante o que antes não ocorria.

As mulheres relatam um maior conhecimento, abrindo novas perspectivas com a ampliação do território feminino, troca de experiências, trabalho em grupo e agregando renda a novos produtos como os chás, as mudas de flores, farinha de milho e erva-mate orgânica, sementes de flores, o excedente das hortas agroecológicas, entre outros. Houve mudanças na alimentação por conta das hortas e de novas receitas que foram resgatadas através do trabalho da EMATER-RS/Ascar, com as pessoas idosas e o histórico da culinária polonesa.

O ganho econômico com o roteiro turístico ainda é pequeno, como é informado pelas agricultoras, AF1 “[...] Vivemos da aposentadoria, que é pouca, e do arrendamento da terra, uma vez por ano também tem a erva mate e as visitas dos turistas, que não é muito, mas ajuda”. Comparando com as principais atividades da propriedade, que são os grãos e o leite, não houve um grande incremento, mas mesmo que esse ganho seja pequeno faz com que a mulher tenha autonomia frente a eles, saindo da posição de subjugada para gerir, esse dinheiro que as agricultoras recebem a cada visita é colocado inicialmente para melhoria da propriedade no roteiro turístico.

Podemos destacar o trabalho da EMATER-RS/Ascar com relação a parte ambiental, com o incentivo para com os agricultores familiares, a preservação das nascentes, rios e córregos em suas propriedades, podendo assim ser incrementadas trilhas ecológicas e a separação do lixo orgânico, que fica na propriedade rural gerando adubo com a construção de composteiras, e o lixo seco que é recolhido pela prefeitura municipal.

Figura 16 - As mulheres que compõe a Trilha do Imigrante



Fonte: Acervo pessoal,(2018) Lígia Wencelewski.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que aqui desenvolvemos apresenta alguns elementos os quais possibilitam produzir algumas afirmações. O primeiro aspecto a ressaltar é que a Rota Turística TI do município de Áurea-RS se enquadra em um roteiro turístico rural, com propriedades de agricultores familiares, onde houve uma mudança na atuação das mulheres dentro e fora de suas propriedades, configurando um avanço de territorialidade do trabalho feminino.

Analisando as entrevistas realizadas com as mulheres e com a extensionista da EMATER-RS/Ascar, foi possível perceber que houve uma mudança em relação ao cotidiano das mulheres e seu papel frente a suas propriedades familiares, além de serem vistas como propulsoras de um novo projeto frente aos órgãos públicos, a elaboração de um roteiro turístico.

Relação de parceria no trabalho frente a Rota Turística entre as agricultoras, um círculo de amizades mais extenso. Integração do poder público com o grupo de mulheres, incentivando e suprindo eventuais necessidades. Conhecimento frente a novas técnicas de manejo sem o uso de agrotóxicos, além de mais iniciativa por parte das agricultoras familiares para cobrarem novas políticas públicas na área da agricultura familiar.

Quanto ao meio econômico todo o município saiu ganhando com a divulgação do mesmo e da cultura polonesa, maior fluxo de pessoas, possibilidade da realização de novos serviços com intuito de atender os turistas, como hotéis, restaurantes, lojas etc.

Através disso podemos concluir que o turismo rural, a Rota Turística Caminhos Poloneses e, em especial, a Trilha do Imigrante, contribuiu para o desenvolvimento das propriedades rurais envolvidas. Houve melhoria na qualidade de vida dos produtores rurais, o cuidado com o meio ambiente, o incremento na renda das famílias, e ao aumento da autoestima das agricultoras, a melhoria das relações sociais mantendo as tradições dos antepassados.

As mulheres que fazem parte da TI conseguem, hoje, trabalhar em suas propriedades e ver o fruto de seu trabalho com a venda de seus produtos diretamente aos visitantes, ainda dependem de seus maridos, mas de forma diferenciada, podem ver e conviver com pessoas de vários lugares o que agrega conhecimento a elas. Novas técnicas de trabalho estão sendo implantadas pela EMATER-RS/Ascar, onde elas podem aprimorado plantio e colheita de seus alimentos, é ressaltado o conhecimento das mulheres frente aos visitantes.

Esse trabalho realizado pelas mulheres pode servir de exemplo para outras localidades, a fim de retirar do isolamento muitas agricultoras familiares e colocá-las em destaque no trabalho em que realizam, incentivando a permanência delas no campo com qualidade de vida.

Contudo, foi possível respondermos aos objetivos da pesquisa, de que as agricultoras familiares que compõe o Roteiro Turístico Caminhos Poloneses, Trilha do Imigrante produziram novas territorialidades a partir do ingresso das mesmas no roteiro turístico, fazendo com que seu trabalho fosse visto como importante dentro e fora das unidades de produção, passando de ajudante do marido para protagonista de seu próprio negócio, o Roteiro Turístico, transformando o “espaço da mulher”, o jardim, antes tratado como supérfluo passam a ter um papel de destaque na propriedade rural.

A horta passa a ter um papel fundamental na alimentação da família, mudando os costumes alimentares. O foco das visitas é a propriedade rural, a agricultora familiar e o que ela produz.

Quanto às estratégias de gestão das agricultoras em relação aos trabalhos do Roteiro Turístico é dividido entre as componentes a fim de não sobrecarregar nenhuma, cada um exerce um papel dentro do grupo.

A presidente, responsável pela parte social, de divulgação, agendamentos das visitas, busca de recursos para com outros órgãos, como a prefeitura e EMATER-RS/Ascar. A vice-presidente do grupo é responsável por organizar as agricultoras quanto à elaboração das comidas típicas e o roteiro das visitas, sendo a guia oficial, mas muitas vezes substituída pelas demais componentes a fim de promover uma maior participação de todas.

A tesoureira é responsável pela compra de mantimentos necessários para a elaboração do café, almoço e lanche, além de ficar responsável pela distribuição da sobra entre as agricultoras familiares. Cada agricultora familiar conta com a autonomia de disponibilizar produtos a venda em sua propriedade e esse dinheiro é todo dela.

As mulheres encontram-se mais felizes, confiantes e orgulhosas de seu papel na família e na sociedade, que pode além de ser mãe e esposa, pode sim ser propulsoras de iniciativas de mudança com relação a igualdade de gênero no campo, dividindo os trabalhos da propriedade entre ambos.

A Emater-RS/Ascar realiza um trabalho diversificado com relação as agricultoras familiares, proporcionando a elas além de cursos que visam a melhoria da vida no campo como algumas atividades voltadas a autoestima das mulheres.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, G. A.; BIANCHINI, V. **Agricultura familiar na região sul do Brasil**, Consultoria UTF/036-FAO/INCRA, 1996.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos conceituais** Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em:<[HTTP://www.turismo.gov.br/assuntos/5292-caderno-e-manuais-de-segmentação.html](http://www.turismo.gov.br/assuntos/5292-caderno-e-manuais-de-segmentação.html). Acesso em: 17de junho de 2018.

BUAINAIM, A. M.; ROMEIRO, A; **A agricultura familiar no Brasil: agricultura familiar e sistemas de produção**. Projeto: UTF/BRA/051/BRA. Março de 2000. 62p. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/fao>. Acesso em 03 de dezembro de 2017 as 15h00min.

CRISTÓVÃO, Artur. **Turismo Rural em tempos de novas ruralidades**/Artur Cristóvão... [et al.], organizadores. -Porto Alegre: Ed da UFRGS, 2014.

DI SABBATO, Alberto. **Estatísticas rurais e economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres**/Alberto Di Sabbato; Hildete Pereira de Mello; Maria Rosa Lombardi; NaluFaria; organização de Andrea Butto.- Brasília:MDA,2009.

EMATER-RS/Ascar. Disponível em;<<http://www.emater.tche.br/site/>> acesso em 03 de dezembro de 2017 as 09h00min.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Disponível em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/aurea>>aceso em 01 de maio de 2018 às 15h30min. Disponível em:<[áurea. rs/gov.br](http://aurea.rs.gov.br)>aceso em 01 de maio de 2018. Disponível em:<www.quedu.org.br>aceso em3 de maio de 2018.

HAESBAERT, Rogério. LIMONAD, Ester. **O território em tempos de globalização**. etc..., espaço tempo e crítica, Rio de Janeiro, v.1,n.2, 2007.

KIND, Luciana. **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais**. Psicologia em revista. Belo Horizonte, v.10, n.15.p.124-136, jun.2004.

KOZENIESKI, Éverton de Moraes. **A produção do espaço rural: Transformações das dinâmicas produtivas e da agricultura na microrregião de Erechim**. 2016 p.237. (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Instituto de Geociências. Programa de Pós-graduação em geografia) Porto Alegre 2016.

Lei que regulamenta a agricultura familiar no Brasil, disponível em: [HTTPS://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11326.htm), acesso em 04 de dezembro de 2017 as 10h00min.

LOPES, Adriana.ZARZAR, Andréa Butto. **Mulheres na reforma agrária a experiências recentes no Brasil**/organizadoras Adriana L. Lopes, Andréa Butto Zarzar.Brasília:MDA,2018,p.240.

MOREIRA, Ruy. Repensando a Geografia. In: SANTOS, Milton (Org.). Novos rumos da Geografia brasileira. São Paulo: Hucitec, 1982.

PEARCE, Douglas G. **Geografia do Turismo**: fluxos e regiões no mercado de viagens/Douglas Pearce; [tradução Saulo Krieger].-São Paulo: Aleph,2003.

PIRAN, Nedio. **Agricultura familiar: lutas e perspectivas no alto Uruguai**. Erechim: EdiFAPES, 2001.

Prefeitura Municipal de Áurea-RS, disponível em:<<http://aurea.rs.gov.br/>> acesso em 29 de novembro de 2017, as 15h00min.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o território**. Território, Territórios. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense/Associação dos Geógrafos Brasileiros. Niterói, 2002.

SANTOS, Roseli Alves dos. SHIMITZ. Aline Motter. **A divisão sexual do trabalho na agricultura familiar**. Apresentado. In; SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GENERO 10.16 a 20 set,2013,Florianópolis.Anais...Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1371853408_ARQUIVO_TextoFazendogenero10.pdf.>.Acesso em:10 dez 2018.

SAQUET, Marcos. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (org.) **Território e territorialidades: Teoria, processos e conflitos**. 1ªed. São Paulo; Expressão Popular 2009.p.120

SAQUET, Marcos Aurélio. SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos** / T327 Marcos Aurelio Saquet, Eliseu Savério Sposito (organizadores) --1. ed.-
- São Paulo : Expressão Popular : UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008. 368p.

SCHMITZ.Aline Motter.SANTOS, Roseli Alves dos, **A divisão sexual do trabalhona agricultura familiar. Fazendo gênero 10 desafios atuais dos feministas**, 2013. Disponível em:www.fg.2013.wwc.2017.eventos.bype.com.br. Acesso em: 09 jun. 2018.

SOF Semperviva Organização Feminista. **Formação com mulheres rurais-Estratégia para efetivação de políticas públicas de gênero no campo**. São Paulo: SOF, 2006, p.192.

TULIK, Olga. **Turismo rural**. Coleção ABC do turismo. São Paulo: Aleph, 2003.

WENCELEWSKI, Lígia. **Lígia Wencelewski**: entrevista [abr.20018]. Entrevistadora: S.Bortolassi. Áurea-RS, áudio sonoro (60min).

Caminhos Poloneses Áurea-RS,imagens retiradas do site, disponível em;
<http://www.adaltouruguai.org.br/wp-content/uploads/2018/02/Caminhos-Poloneses-Corregido-2-1.pdf>. Acesso em; 09 de.2018.

APÊNDICE 1

Entrevista com a extensionista da Emater do município de Áurea.

Abril 2018.

Sandra: O que seria a rota caminhos poloneses?

Lígia: Caminhos poloneses foi uma rota criada em função de o município ser Capital Polonesa dos brasileiros e nós vimos que tinha um perfil para se criar alguma coisa assim em função da cultura e das famílias do meio rural resgate da vivência das famílias polonesas e pra gente ver o quanto é importante buscar as raízes somos capital polonesa dos brasileiros, mas somos o porquê valorização temos embutido em nós nas nossas famílias, o pessoal falava o polonês ou ainda fala, mas é uma coisa que está se perdendo a culinária polonesa também é uma das coisas que muitas famílias tinham vergonha de dizer que estavam preservando essa cultura, como o município já tem a festa da czarnina foi tudo se encaixando e os caminhos poloneses vieram para contribuir buscando um empoderamento das famílias da agricultura famílias pra eles além de se sentirem valorizados com a vinda dos turistas os agricultores puderem vender alguma coisa como plantas, chás, artesanato buscando alternativas para a pequena propriedade e a valorização cultural.

Sandra: Quantas famílias fazem parte da rota?

Lígia: São dezessete famílias hoje que estão vinculadas nas duas rotas que a Emater foi trabalhando com as famílias e viu que elas tinham perfil para isso, inicialmente tinham cinquenta inscritos mas no decorrer do processo apenas as dezessete aderiram a rota, tem algumas famílias que estão preparadas para receberem visitantes, no momento que elas quiserem se inserir na rota já estão prontos por que nem todas as famílias têm o perfil por que nem todos querem abrir a propriedade para ser visitada, outros não recebem os visitantes por que não tem tempo. Hoje são dezessete famílias divididas em duas rotas a trilha do imigrante e resgatando a história.

Sandra: Todas as propriedades da rota são rurais?

Lígia: Tem urbano também além da igreja que faz parte dos dois roteiros, pelos poloneses serem muito católicos eles tinham a religiosidade muito expressa muito contida com eles mesmo, entra também o museu e algumas propriedades urbanas hoje são duas e a gente trabalha com eles o rural e o urbano por Áurea ser um município pequeno e não é como uma cidade grande onde o rural esta dividido do urbano em Áurea todos os moradores têm algum vínculo com o meio rural mas temos duas propriedades que se encontram no perímetro urbano.

Sandra: Quantas visitas ocorrem semanalmente ou mensalmente?

Lígia: As visitas por ele ser um roteiro ainda bebê, foi inaugurado há apenas dois anos então a gente recebeu várias excursões, mas por agendamento, mas se tiverem eles recebem de segunda a segunda apenas precisam de um tempo para arrumar as comidas, eles agendam e recebem, mas com antecedência, até para prepararem o lanche, o café que precisa ser fresquinho, o almoço, o ritual do Ognisko, e os passeios com os guias.

Sandra: Quantos dias eles precisam para se preparar para receberem uma excursão?

Lígia: O bom mesmo e que, pelo menos, com uma semana de antecedência, pois desde a Czarnina é preciso de um tempo para elaborá-la desde o pato que precisa ser preparado e as comidas todas fresquinhas, mas elaboradas com antecedência.

Sandra: Quantas pessoas já visitaram a rota?

Lígia: No momento não saberia te dizer, mas foram mais de mil pessoas, esses dois anos setenta e duas excursões e cada uma delas com mais de vinte pessoas umas maiores outras menores além do pessoal do município.

Sandra: As pessoas que visitam são da região ou tem gente de fora?

Lígia: Inicialmente a rota foi pensada nos sabíamos que iria demorar, o turismo é uma coisa assim que sempre tem que estar em movimento, ter coisas novas para atrair os visitantes a gente pensou que ficaria pela região mas a gente percebeu que não, tem visitantes ate do exterior da Polônia e da Alemanha que se inseriram nos grupos e visitaram a rota são grupos de trinta, quarenta ate sessenta pessoas teve uma turma de Balneário Camboriú que nos visitou, por que você imagina que na maioria das vezes nós saímos para ir até la para fazer turismo e eles fizeram o contrário, ficaram sabendo pelas reportagens, agendaram e vieram, já tivemos pessoal de Porto Alegre, Santa Cruz, aquela região, acho que aos pouquinhos estamos conseguindo divulgar nosso roteiro polonês.

Sandra: Quem organiza os trabalhos da rota?

Lígia: Os trabalhos são organizados pelos próprios grupos, com a coordenação da Emater, que está sempre auxiliando os produtores, vendo o que as propriedades podem melhorar, e agora conta com o apoio da prefeitura municipal que está junto conosco inicialmente a gente começou um trabalho com a Emater e as famílias, mas a gente viu que precisa do poder público junto conosco, ninguém chega a lugar nenhum sozinho inclusive agora estamos com o trabalho de registro dos caminhos poloneses, mas a organização é dos próprios grupos com a coordenação da Emater e o apoio da prefeitura municipal.

Sandra: Como teve início à rota e a partir de que?

Lígia: A rota teve início com o trabalho das famílias, não com o intuito de fazer uma rota turística, mas tendo em mente a questão cultural, por Áurea ser a capital polonesa dos brasileiros. Com o decorrer da organização das propriedades e vendo se eles tinham perfil para o turismo rural, aí a gente foi estudando e amadurecendo a ideia, e a Emater surgiu com a ideia de lançar alguma coisa voltado a caminhos poloneses voltado a cultura mas com um nicho voltado para a agricultura familiar, para as famílias trabalharem juntas, no início a gente fez o lançamento em 29 abril de 2016, ele é ainda um roteiro bebê.

Sandra: Tem famílias que entraram na rota e querem sair?

Lígia: Nós iniciamos o trabalho com a organização das propriedades, inicialmente com cinquenta famílias e que destas ficaram dezessete, mas tem muitas que estão preparadas e quando quiserem entrar estão prontas, porém elas precisam querer, podemos fazer um outro roteiro, pois a princípio era para ser um só, mas com o número de famílias se optou por fazer dois, mas acho que dois esta de bom tamanho ate pelo município ter um perfil diferenciado as rotas são diferentes, a recepção é na igreja, mas as propriedades são totalmente diferentes, voltados para a cultura mas de outro jeito, então quem visita um pode vir visitar o outro que sempre terá novidades.

Sandra: A divulgação é feita como?

Lígia: A divulgação começou pelo facebook, pelas próprias famílias, pela Emater e pela prefeitura, pelo site institucional.

Sandra: Qual é o publico alvo?

Lígia: O publico alvo nos procuramos se adequar aos grupos que agendam, não ha restrições de quem pode ou não participar, tem trilhas para quem quiser fazer, a parte do meio ambiente, para ser trabalhada com as escolas, tem a parte cultural ,ou voltado pra agroindústria, como os grupos têm interesse.

Sandra: Vocês contam com algum recurso para o projeto?

Lígia: Pra financiamento do projeto não tem nenhum, as famílias arcaram com todas as despesas referentes à manutenção das propriedades e o que elas ganham com as visitas elas esvencem na propriedade.

Sandra: As famílias se encaixam no modelo de turismo rural?

Lígia: Sim, turismo rural.

Sandra: Quais são as principais dificuldades que você encontra nas famílias?

Lígia: As principais dificuldades foram no início, mas já foram superadas, pois as famílias tinham vergonha de mostrar sua cultura, então a gente teve que trabalhar com elas essa questão cultural, pois elas sabem falar o polonês, mas tinham vergonha, as vestimentas também, por que era voltar anos atrás, mas hoje elas estão empoderadas que a gente vê até os mais jovens, que fazem parte da família estão se sentindo orgulhosos de fazer parte e voltar todo esse resgate. Outra dificuldade é essa questão do recurso ser deles mesmos, eles não tiveram financiamento, tiveram que dispor de recursos próprios, o treinamento para guias, contamos com o apoio do Senac, por que assim, como o guia vai conduzir essas excursões, a gente ate tentou via Emater mas esta difícil de conseguir treinamento na região.

Sandra: Os pontos a serem destacados de melhoria nas propriedades?

Lígia: As propriedades em um todo melhoraram, as famílias que fazem parte do roteiro a gente nota assim os vizinhos mesmo que não fazem parte do roteiro mas se sentem parte do turismo dos caminhos poloneses mesmo o município eles se sentem mais valorizados por Áurea ser um município de porte pequeno em torno de 3.660 habitantes a gente viu que estão mais orgulhosos e buscamos assim a valorização a autoestima destacamos que as mulheres foram as protagonistas elas que tomaram a frente fizeram o trabalho de sensibilização dos demais familiares para a família toda entrar junto.

Sandra: O que mudou em relação às mulheres?

Lígia: As mulheres, a autoestima foi o que mais se viu melhorar, a gente ate brincava não vamos ficar ricas, mas vamos ficar famosas, na questão de se sentir que a gente esta morando em um pedacinho do Rio Grande do Sul, um pedacinho do Brasil e que a gente vai ser visto por alguém, e que vai ver a maneira de viver daquele município, a simplicidade como principal alvo, daquele povo que não precisa de luxo, a simplicidade do interior, abrir as propriedades para serem visitadas, e o que melhorou mesmo nas famílias que a gente nota assim, que elas descobriram algo que é muito valioso, o quanto que elas gostam de receber as pessoas de fora e o quanto elas tem de carinho para distribuir, para as pessoas que vem visitar, a gente nota que elas sempre estão sorrindo, sempre alegres e cada excursão que vem é uma festa, a gente nota que se faz uma amizade e que elas ficam respondendo e-mail conversando, então esse vínculo de amizade fica, cada grupo fica com as assinaturas, os telefones e facebook, e ficam conversando, uma amizade mutua.

Sandra: O que mais você quer destacar? Quem na sua opinião saiu ganhando com a implantação da rota Caminhos poloneses?

Lígia: O município é quem ganhou como um todo, as famílias, nós da Emater e assim a gente vê um trabalho de anos que a gente vem tentando fazer, um trabalho diferente, eu acho que os caminhos poloneses pra nós da Emater e para o município foi algo espetacular, o que aconteceu dentro desses trabalhos e para as famílias, a gente vê que quando sai de Áurea elas tem orgulho de dizer que são dali, que fazem parte da rota Caminhos poloneses, que são do interior, que são de origem polonesa, esse orgulho das famílias. A igreja, os padres, se sentiram integrados por que independente de religião a fé é a mesma, gente já recebeu pessoas que não eram católicas, mas independente disso é importante a gente saber a cultura, mas a gente tenta passar que Deus é o mesmo é um dos nossos pontos a destacar. A questão do Ognisko, que a gente quer destacar, que cada um assa sua linguça na taquara, no fogo e aquela integração que se tem voltando ao passado, como assar a linguça no espeto de taquara, que hoje só se usa de inox, não é boas práticas, mas é colhido na hora não há

contaminação, também a questão do ritual do Nasdrovie, que é a vutka congelada, como na Polônia é bastante frio, os descendentes bebiam para esquentar o corpo e a gente destaca que não é pra beber de mais, mas sim que se a gente beber um pouco, um gole para aquecer o corpo, não faz mal mas tem a questão dos excessos, e daí a gente faz todo um trabalho educativo em relação a isso.

APÊNDICE 2

Entrevista com o grupo de mulheres agricultoras familiares participantes da TI.

Abril 2018.

Sandra: Como iniciou o trabalho da Emater junto a sua propriedade?

Grupo de mulheres: A Emater inicialmente troce para nós cursos relacionados a culinária, panificação, pintura, bordado, e jardinagem. Nós, a maioria, das mulheres nos interessamos por jardinagem, com os cursos podemos ir visitar outras propriedades como as de Ipiranga do Sul, nos empolgamos e fizemos em nossas propriedades. A Lígia veio com a ideia de resgatarmos as flores de nossos antepassados, os chás e outras plantas e nós começamos a pesquisar e trocar mudas umas com as outras, daí veio as hortas que gostamos também e a alimentação mais saudável, e tudo foi se encaixando, quando nossos jardins e horta estavam bonitos começamos ir umas nas casas das outras para ver o que tinha a melhorar as nossas. Depois que estava tudo lindo veio a ideia das comidas típicas e da rota, a Emater nos auxiliou com palestras e cursos para recebermos as pessoas e quem quis se inscreveu para participar da rota.

Sandra: O que mudou em sua propriedade a partir da implementação da rota Caminhos poloneses?

Grupo de mulheres: Muita coisa, primeiro, nossa propriedade ficou mais bonita, nós estamos nos sentindo mais bonitas também, nossa autoestima aumentou muito, nós estamos mais felizes, pois vemos pessoas novas a cada semana, conversamos com muita gente diferente, recebemos elogios, tanto dos jardins, hortas e das comidas e até da vestimenta típica, receber pessoas que te elogiem, que vem ver a tua propriedade, o que você fez e acham lindo é muito gratificante, além disso, todas as visitas são uma festa.

Sandra: O que vocês acham mais interessante na rota Caminhos poloneses?

Grupo de mulheres: Nós achamos que a partir da rota nós começamos a dar valor a coisas que antes estavam guardadas com as babkas, nós sabíamos falar polonês, sabíamos fazer as comidas da nona, mas tínhamos vergonha de falar disso, mas agora temos orgulho de dizer que somos descendentes de poloneses e moramos em Áurea, a capital polonesa dos brasileiros. Que com a rota também nos tornamos conhecidas, nossa cultura também foi conhecida e muitas pessoas hoje sabem que lá no município de Áurea no Rio Grande do Sul, tem pessoas que guardam os costumes e tradições de seus descendentes, tem pequenos agricultores que vivem com simplicidade e que gostam de receber visitantes para mostrar suas propriedades e suas tradições.

Na última visita que realizei ao grupo percebi que muitos dos temas tratados na bibliografia se expressam no campo de estudo, as mulheres estão tomando liderança nas famílias, três mulheres da rota trabalham fora da propriedade, com atividades que lhe fornecem renda extra, uma mulher montou uma agroindústria, mas o que se viu é que ela trabalha na confecção dos produtos e quem vende é o marido.

As outras seis mulheres trabalham exclusivamente com a agricultura e serviços relacionados com ela, e pode-se perceber o que as autoras colocam em seus textos, sobre o trabalho das mulheres, a desvalorização de seu trabalho, a pouca autonomia e o poder de decisão.

APÊNDICE 3

Entrevistas com as agricultoras familiares

Outubro 2018.

-Quem são as mulheres que compõe a TI?

AF1-Tenho 60 anos, sou casada, tenho dois filhos, que já estão estudando e morando fora, sou descendente de poloneses, moro apenas com meu marido e me considero uma mulher batalhadora, sou presidente do grupo de mulheres, participo dos grupos de terceira idade, em que já fui várias vezes a presidente também, já fui candidata à vereadora de nosso município, me orgulho muito em fazer parte da rota turística e de promover o nome do município de Áurea para a região.

AF2-Sou enfermeira aposentada, e agricultora, massoterapeuta, mãe e avó, tenho 57 anos, sou descendente de ucranianos, mas me identifiquei com a cultura polonesa e se não falo que não sou polonesa ninguém desconfia.

AF3-Sou agricultora mãe de três filhos e esposa, moro com minha sogra e meus dois filhos mais novos e meu marido, minha filha mais velha estuda na cidade, sou descendente de poloneses tenho 40 anos.

AF4-Sou agricultora, mãe e esposa, sou descendente de poloneses tenho 55 anos, moro com meu marido, meus filhos já são casados e moram na cidade.

AF5-Sou agente comunitária de saúde, agricultora, mãe e esposa tenho 40 anos e sou descendente de poloneses.

AF6-Sou agricultora, mãe, esposa, tenho 38 anos, moro com meus dois filhos, minha sogra e meu marido sou descendente de poloneses.

AF7-Sou agricultora, mãe e esposa, tenho 28 anos, moro com meu marido e meus dois filhos.

AF8-Sou agricultora e esposa, tenho 27 anos e moro com meu marido.

AF9-Agricultora, mãe e esposa tenho 50 anos, moro com meu marido e minha filha mais nova.

-Como era cotidiano antes da entrada na TI?

AF1-Como moro apenas com meu marido tinham semanas que apenas via ele de pessoa, conversava apenas com ele, se tivesse algo relacionado à terceira idade na cidade eu ia, mas se não ficava em casa quase que toda a semana. Aos domingos quando vinha visita, ou íamos aos parentes ou vizinhos, conversávamos com outras pessoas, mas sempre daquele mesmo núcleo, parentes ou vizinhos.

AF2-Antes de entrar no roteiro não tinha muita coisa de diferente, os dias eram praticamente iguais.

AF3-Meu trabalho era o do dia a dia trato com os animais, a horta e os jardins, quase sempre a mesma coisa.

AF4-Eu não fazia nada de muito importante o trabalho de casa e na lavoura com meu marido.

AF5-Trabalhava como agente comunitária de saúde e ao final do expediente ajudava meu marido com as vacas de leite.

AF6-Trabalhava em casa e ajudava meu marido na lavoura, tínhamos algumas vacas de leite e vendíamos leite.

AF7-Eu e meu marido trabalhamos com verduras para venda na feira, e antes da entrada na TI, meus dias se resumiam em trabalhar na casa, com o cuidado com meus filhos e a horta.

AF8-Antes da entrada na TI trabalhava com o meu marido na lavoura e no serviço de casa.

AF9-Antes trabalhava com o meu esposo na lavoura com algumas vacas de leite e no serviço de casa.

-Como é agora?

AF1-Além de ir todo mês para a reunião com as componentes do grupo e a Lígia, da Emater, nós nos reunimos com as vizinhas para fazer as comidas para receber os visitantes. Aumentou muito meu número de amigos, comecei a mexer na internet, e eu como sou a responsável por fechar o caixa do roteiro e comprar o que precisa para cada visita também vou mais a cidade para fazer as compras, nos falamos mais seguido, pois sou responsável também pelos agendamentos das visitas e daí repasso as outras componentes do grupo.

AF2-Agora tenho muita coisa de diferente além dos jardins e hortas mudou o cotidiano todo mês nos encontramos para conversar e trazer o que fizemos durante o mês isso nos faz mais felizes.

AF3-Agora tenho mais jardins me orgulho de minha horta tenho novas coisas há fazer todo dia, quando não tem serviço na lavoura e não temos agendado nada fico atrás de novas flores e jardins na internet.

AF4-Agora tenho um jardim maravilhoso, a horta e faço farinha artesanal, queijo, junto sementes e chás, tenho o dia todo quase que fechado sem folga, mas é muito gratificante.

AF5-A minha rotina não mudou muito, ainda trabalho como agente comunitária de saúde, mas ao final da tarde venho pra casa e ajudo meu marido e vou trabalhar na horta e no jardim, os finais de semana me dedico mais a eles.

AF6-Agora tenho uma agroindústria onde fabricamos comidas típicas da culinária polonesa, tenho menos vacas de leite e o leite é utilizado para fazer os doces, e ampliamos a criação de galinhas poedeiras para suprir a necessidade da agroindústria.

AF7-Agora além desses serviços que já fazia trabalho no jardim, uma vez por mês vou às reuniões com as mulheres, e quando tem visitas passamos o dia com os visitantes.

AF8-Agora tenho uma horta grande onde cultivo quase que de tudo para nosso consumo e o que sobra estou fazendo compotas, tenho jardins lindos e um pomar que no futuro vai garantir uma nova fonte de renda para minha propriedade.

AF9-Agora trabalho mais em casa com a horta e o jardim, faço mudas de flores para vender, artesanato, e cultivo chás. Tenho algumas vacas de leite onde fabrico queijos artesanais.

-O que mudou com relação à unidade de produção?

AF1-Eu e meu marido já somos de idade avançada, somos os dois aposentados, daí não temos muita plantação, alugamos nossas terras e mantemos apenas alguns animais domésticos como galinha e porco, e a horta é nossa distração maior. Mudou o jardim que ficou maior e mais variado e o modo de plantar hortaliças em consórcio com as outras, eu não tenho ainda nada para vender, a mão de obra

e escassa em minha propriedade como estou envolvida com o grupo na questão financeira eu não tenho muito tempo, meu marido é quem trabalha na horta eu fico com o jardim.

AF2-Na minha propriedade antes da entrada da rota, não havia tantos jardins e a horta não era dessa forma eram canteiros com uma só leguminosa e eram atacados por insetos, hoje tudo é plantado junto com flores e chás isso faz com que os insetos se confundam e não ataquem os legumes, o que faz com que não usamos defensivos. Os jardins ganharam novas formas e novas flores que continuam florindo mesmo no inverno. Nossa propriedade ganhou um local onde temos uma cancha de bochas onde podemos alugar nos finais de semana, contando assim como uma renda a mais. Meu marido é quem cuida dos jardins, quando posso ajudo na horta e no jardim mas na maioria das vezes é com ele, produzimos mudas de flores para vender.

AF3-As mudanças foram no cotidiano hoje mais digamos cheio, na questão das hortas e jardins e na alimentação agora mais saudável estamos iniciando agora um curso de compotas para aproveitar o que sobra da horta e do pomar está sendo muito bom.

AF4-Mudou muita coisa, antes plantávamos fumo e tínhamos algumas vacas de leite, agora temos mais vacas de leite e não plantamos mais fumo, no lugar do fumo plantamos chás e flores, e o pasto para as vacas, faço queijos e vendo em casa, além dos chás, e da farinha artesanal moída no moinho movido a água, meu marido ainda dispõe de cachaça artesanal para vender aos visitantes que quiserem. Com relação a alimentação também houve mudanças pois agora temos uma horta em que não colocamos nada de agrotóxicos e uma grande variedade e alimentos.

AF5-Ainda não mudamos tanto, plantamos fumo e temos vacas de leite, mas aos poucos estamos ampliando a horta e os jardins como também o pomar, temos planos para investir em compotas e nos laticínios artesanais, mas nos falta mão de obra.

AF6-A criação de galinhas aumentou, a questão da horta e dos jardins e a agroindústria agora como carro chefe de nossa propriedade, ampliamos o pomar para no futuro realizarmos compotas com a marca da agroindústria. O trabalho dentro da propriedade também mudou totalmente para mim e minha família, eu trabalho quase que toda a semana fazendo bolachas, massas, cucas para suprir as vendas e meu marido e os filhos trabalham com as vacas, as galinhas e nas vendas dos produtos em domicílio.

AF7-Minha propriedade mudou com relação a estética, com a ampliação dos jardins que deram mais vida a minha propriedade, com relação a alimentação, com o implemento de novas receitas e a questão do desperdício dos alimentos que antes iam fora que agora começamos a realizar compotas com as verduras que sobram, aos poucos podem se transformar em lucro para a propriedade

AF8-Além da parte da estética mudou o trabalho, hoje trabalhamos mais com a horta e o pomar, procurando garantir uma alimentação saudável, novas técnicas para o combate de pragas sem o uso de defensivos, e meios para não perdermos o que sobra da propriedade como as compotas de frutas e verduras. A questão das visitas e dos trabalhos relacionados as visitas também foi um fator que mudou, pois antes quase que não saíamos de casa, apenas para ir a cidade quando precisava comprar algo ou ir ao médico passear apenas nos parentes ou vizinhos mais próximos e hoje temos compromissos na sede do município e as reuniões mensais além do dia das visitas sempre é um dia festivo dia de conhecer muitas pessoas novas.

AF9-A minha propriedade mudou na questão da horta e dos jardins, na maneira como nos alimentávamos, na maioria das vezes, comprávamos o que consumíamos por não saber como lidar com as pragas, passávamos muito defensivos, e hoje temos uma alimentação saudável e própria, isso é gratificante. Além de que hoje tenho uma propriedade linda, com flores de várias espécies, visitada

por muitas pessoas, faço artesanato, como crochê, tricô e biscoí para vender aos visitantes além de cultivar chás, fazer mudas de flores e queijos para vender.

-Vocês trabalham na sua unidade de produção, quantos membros da família trabalham nessa unidade?

AF1-Eu e o marido

AF2-Eu e meu marido

AF3-Eu e meu marido.

AF4-Eu e o marido

AF5-Meu marido e eu nas horas vagas.

AF6-Eu, meu marido e os dois filhos.

AF7-Eu, meu marido, meu sogro e minha sogra.

AF8-Eu e meu marido.

AF9-Eu e meu marido.

-A renda para seu sustento e de sua família, provém da agricultura?

AF1-Vivemos da aposentadoria, que é pouca e do arrendamento da terra, uma vez por ano também tem a erva mate, das visitas dos turistas que não é muito, mas ajuda.

AF2-Agora com a entrada no roteiro estamos vendo alguma renda a mais, mas na maior parte a renda provém das aposentadorias minha e de meu marido e das massagens que faço.

AF3-Sim.

AF4-Sim e da aposentadoria, do marido e agora da minha.

AF5-Da lavoura e do salário que ganho como agente comunitária de saúde.

AF6-Sim agora tem o incremento da agroindústria.

AF7-Sim.

AF8-Sim.

AF9-Sim.

-Vocês gostam de receber os visitantes?

AF1-É uma alegria para mim e meu marido recebermos os visitantes, mostrar nossa propriedade e contar algumas histórias, nos sentimos importantes.

AF2-Sim nos sentimos muito felizes por recebermos visitas e com isso os elogios a nossa propriedade.

AF3-Sempre é bom conhecer gente nova e conversar coisas fora do cotidiano àquela hora esquecemos dos problemas apenas mostramos nossa propriedade.

AF4-Sim adoramos receber gente nova para ver nossa propriedade é sempre uma festa.

AF5-Sim quando posso receber eles em casa, assim, quando as excursões acontecem nos finais de semana ou feriados acompanho eles em minha propriedade, mas quando não posso vou almoçar com eles.

AF6-Sim.

AF7-Sim é maravilhoso.

AF8-Gosto muito, eles vem e elogiam nossa casa e nossos jardins, isso para nos é como se elogiassem a nós mesmas.

AF9-É muito bom.

-Se por ventura algum dia você e sua família não podem receber visitas o que acontece?

AF1-Ocorreu algumas vezes de não estarmos em casa daí eu aviso as outras componentes e elas prosseguem sem mim, não temos membros insubstituíveis sempre pegamos juntas.

AF2-Na minha propriedade é servido o café da manhã então ele ocorre da mesma fora.

AF3-Não tem problema eles seguem sem mim, apenas deixamos as comidas todas preparadas somos em bastante.

AF4-Não tem problema a minha casa fica de fora naquele dia.

AF5-Quando meu marido está em casa ele acompanha as visitas, mas quando não pode eles apenas passam pela propriedade e mostram aos visitantes da estrada mesmo.

AF6-Na minha propriedade é servido o almoço, mas quando não posso as outras fazem do mesmo jeito, a minha propriedade é visitada da mesma maneira, acompanhada por mim, por meus filhos ou até a sogra.

AF7-Como somos em bastantes pessoas sempre tem alguém em casa, mas se não puder não tem problema elas passam para a outra casa adiante.

AF8-Não tem problema a minha casa fica de fora do circuito nesse dia, não atrapalha até por que somos em bastante os visitantes nem conseguem ver tudo que temos para mostrar.

AF9-Só não visitam a minha casa naquele dia que não posso, mas é tranquilo.

-O que cada visitante encontra de diferente em sua propriedade, você e seus familiares vêm essas visitas como, uma futura fonte de renda extra para sua unidade de produção?

AF1-Em minha propriedade a visitante vera a horta e o jardim, contrastando com a religiosidade, sou muito devota e tenho santos espalhados, com capelinhas entre as flores, uma propriedade simples, mas florida.

AF2-Em minha propriedade o visitante pode além de desfrutar da bela paisagem, os jardins e o rio, pode andar de cavalo se quiser, e adquirir mudas de flores, temos os trajes típicos poloneses se alguém por ventura quiser tirar fotos e o local agradável para passar horas descansando em contato com a natureza.

AF3-A minha propriedade oferece ao visitante ver a horta em formato de mandala e os jardins com flores típicas da região, temos frutas fresquinhas e compotas para os visitantes.

AF4-Na minha propriedade o que mais chama a atenção do visitante é o monjolo movido a água onde moemos grãos para a farinha de milho, ou a erva mate artesanal também muito procurada pelos visitantes, o forno de barro, onde faço pão e bolacha, o antigo galpão de fumo onde hoje secamos chás e sementes, além é claro dos jardins e das hortas.

AF5-Ainda não tenho muito para mostrar estou ajeitando minha propriedade aos poucos quando tenho tempo, mas já podem ver os jardins com rosas, que são as minhas preferidas, a horta, e o pomar, ainda tenho mudas de rosas para quem quiser adquirir.

AF6-Na minha propriedade o visitante encontra uma casa típica polonesa, onde foi da família do meu sogro e nós preservamos e hoje reformada para receber os visitantes, nela pode se observar fotos de antepassados da família e a arquitetura polonesa, além da degustação de bebidas típicas, o almoço é todo de origem polonesa, tem música e cantoria polonesa, nós que servimos e preparamos o almoço sempre estamos tipicamente vestidas para o visitante se sentir realmente em uma comunidade polonesa. Além de tudo isso o visitante pode observar a horta, os jardins, os temperos e a agroindústria, podendo adquirir algumas especialidades polonesas se assim preferir.

AF7-Além das verduras e da horta grande eles podem ver meus jardins sempre floridos. As estufas onde plantamos as verduras e legumes que vendemos na feira, os visitantes encontram artesanato da vó, as almofadas de retalhos que ela faz as compotas e os queijos.

8-Na minha propriedade o visitante encontra os jardins, e a horta dividindo espaço com o pomar, o que dificulta a propagação de pestes e insetos, a tranquilidade de um local distante de qualquer movimento, já que moramos distante da estrada e de outros vizinhos.

AF9-O visitante encontra uma propriedade a beira do rio e do mato onde pode ouvir o barulho do rio em harmonia com a cantoria de pássaros, temos uma horta e um jardim bem grande onde se encontra uma grande variedade de flores e chás, além do artesanato dos antepassados.

-Qual é sua área de terra produtiva, o que você produz nela?

AF1-16 hectares de plantio e dois de mata são produzidos erva mate, soja e milho.

AF2-A área em que moramos é pequena e para o plantio ocupa pouco em média 2 hectares apenas temos, a horta, os jardins e um potreiro, a maior parte é mata.

AF3-Nossa área de plantio é de 25 hectares próprios e temos alguns hectares que alugamos dos vizinhos, em nossa área plantamos quase que exclusivamente grãos, soja, milho e trigo.

AF4-8 hectares, onde produzimos grãos, soja e milho e pasto para as vacas de leite.

AF5-Temos 7 hectares onde produzimos fumo, pasto para as vacas de leite e milho para o consumo dos animais.

AF6-Em torno de 9 hectares, produzimos grãos, como soja e milho, e o pasto para as vacas.

AF7-A minha propriedade produz hortifrúti e grãos, como soja e milho, além de leite para a produção de queijo e embutidos de suínos.

AF8-Na minha propriedade produzimos grãos como soja, milho e trigo, quase toda a área de minha propriedade é mecanizada.

AF9-A minha propriedade além de ser pequena conta com bastante mato, o rio corta ela ao meio, além disso é um terreno bastante acidentado, plantamos pouca coisa apenas o feijão e milho tudo à mão por que não temos área mecanizada.

– O que é produzido em sua unidade de produção antes da TI e agora?

AF1-Não mudou muita coisa por conta de sermos de mais idade e não termos como trabalhar mais como antes, mas a horta aumentou bastante não compramos muita coisa no mercado, produzimos quase tudo que consumimos.

AF2-Antes não produzíamos nada ela estava parada, agora temos o excedente da horta e chás, frutas e mudas de flores.

AF3-Basicamente não mudou muito nossa produção é de grãos, mas agora não compro mais muita coisa da cidade produzo em minha horta e meu pomar a maioria dos alimentos que consumimos.

AF4-Antes era o fumo, agora tem o leite, os queijos, a farinha, erva mate, cachaça, chás e sementes.

AF5-Ainda não mudou muito mas temos planos de mudar, mas já podemos usufruir da horta para nosso consumo.

AF6-Ainda produzimos grãos e pasto mas agora também estamos investindo no pomar e na horta, além da agroindústria.

AF7-Não mudou muito na questão do que produzimos, continuamos com as verduras e legumes para a feira, mas o que diminuiu foram o uso de defensivos, trocamos por caldas com menos produtos químicos. O artesanato e a venda de sementes de flores foram incrementados, além de agora estarmos com um projeto de conservas de alimentos.

AF8-Na minha propriedade mudou a questão da horta e do pomar, que agora temos nos alimentado com o que produzimos, estou investindo na conserva de frutas e verduras, mas ainda não temos muita coisa mas com o tempo vamos nos aprimorando e crescendo.

AF9-A minha propriedade mudou a questão dos jardins e da horta, hoje tenho mudas de flores, chás e meu artesanato para vender, o que vem ampliando a renda aqui de casa.

-O que você e sua família produzem é suficiente para suprir as necessidades da família ou precisam ter outra renda para compensar os gastos?

AF1-Eu e meu marido vivemos bem com o que nossa propriedade produz, mas se tivéssemos nossos filhos em casa já não sei se daria para todos. Assim eles trabalham na cidade e tem seu próprio sustento.

AF2-Não a renda provém das aposentadorias e das massagens que faço, mas agora está entrando mais

dinheiro com as visitas e com as mudas de flores.

AF3-Sim.

AF4-Sim.

AF5-Sim, mas tem o complemento de meu salário.

AF6-Sim.

AF7-Sim.

AF8-Sim.

AF9-Com o complemento da aposentadoria do meu marido melhorou, mas antes eu tinha que fazer faxina nas vizinhas mais próximas para suprir as necessidades da casa e dos filhos.

-Todos que residem na unidade de produção, trabalham na agricultura e pecuária?

AF1-Eu e meu marido vivemos bem com o que nossa propriedade produz, mas se tivéssemos nossos filhos em casa já não sei se daria para todos. Assim eles trabalham na cidade e tem seu próprio sustento.

AF2-Sim.

AF3-Sim.

AF4-Sim.

AF5-Sim.

AF6-Sim.

AF7-Sim.

AF8-Sim.

AF-9 Sim.

-Qual é a distância média de sua unidade de produção e a cidade de Áurea-RS?

AF1-15 Quilômetros.

AF 2-20 quilômetros.

AF3-22 quilômetros.

AF4-23quilometros.

AF5-24 quilômetros.

AF6-20 quilômetros.

AF7-28 quilômetros.

AF8-28 quilômetros.

AF9-27 quilômetros.

-Vocês têm carteira de habilitação, automóvel?

AF1-Temos, mas o marido é quem dirige.

AF2-Temos automóvel, mas só o marido tem habilitação.

AF3-Temos automóvel e tenho habilitação.

AF4-Temos automóvel, mas apenas meu marido tem habilitação.

AF5-Temos automóvel, mas apenas o marido é quem dirige.

AF6-Temos automóvel, mas meu marido e meu filho mais velho é quem tem habilitação.

AF7-Temos carro, mas não dirijo.

AF8-Temos automóvel, mas só o marido é quem dirige.

AF 9-Não temos automóvel.

-Tem transporte (ônibus) para se deslocar para a cidade?

Sim, uma vez na semana na segunda feira.

-Quando é necessário fazer compras para a casa como é feito, quem vai?

AF1-Quando o que precisa ser comprado é pra casa, eu vou e quando é para a lavoura, ele vai, é mais difícil hoje sairmos os dois de casa por que somos apenas nós e nossa casa fica distante das outras.

AF2-Quando é para a casa vou eu e ele.

AF3-Eu vou.

AF5-Vamos juntos.

AF6-Vamos às vezes eu e meu marido e às vezes vou com meu filho.

AF4-Vamos juntos ele vai atrás dos interesses dele, silo, banco, agropecuárias e eu dos meus lojas e mercado.

AF5-Vamos juntos.

AF6-Vamos juntos.

AF7-Vamos juntos ou às vezes eu vou de ônibus e ele quando quer vai de carro.

AF8-Vamos juntos.

AF9-Vou de ônibus e ele também, mas quase sempre um de cada vez para não deixar a propriedade sem ninguém.

-Qual é o seu serviço dentro da unidade de produção, você ajuda seu marido na lavoura?

AF1-Eu fico mais com os jardins e meu marido com a horta os animais.

AF2-Eu faço o trabalho dentro de casa e cuidado da horta e do jardim com meu marido ainda temos alguns animais, mas trabalhamos os dois juntos, só quando um não pode daí o outro vai sozinho.

AF3-O serviço dito de casa, os jardins, a horta e na safra eu ajudo meu marido na lavoura.

AF4-Eu faço o serviço de casa, os queijos, os jardins, horta, cultivo os chás e colho as sementes, ajudo a tirar o leite e ele planta o pasto faz a farinha, a cachaça e seca as sementes e os chás.

AF5-Depois meu trabalho ajudo meu marido com as vacas e faço o trabalho de casa.

AF6-Depois a implementação da agroindústria vou menos à lavoura com meu marido apenas ajudo nas vacas, na maior parte fico com o trabalho na agroindústria e no serviço de casa.

AF7-Cuidado da casa e dos filhos e ajudo na horta e na fabricação dos queijos.

AF8-Trabalho em casa, na horta, no pomar, no jardim e com os animais, porcos e galinhas.

AF9-Trabalho em casa, na horta e no jardim, e ajudo com os animais domésticos, na safra quando tem que colher o feijão e o milho muitas vezes vou ajudar.

-Quando precisa comprar algo como, defensivos, ração, equipamentos, quem vai comprar?

AF1-O marido vai.

AF2-O marido.

AF3-Quando é para a lavoura quem vai é o marido.

AF4-Isto é com o marido.

AF5-O marido.

AF6-É meu marido e meu filho quem vão fazer essas compras.

AF7-O marido.

AF8-O marido.

AF9-O marido.

-Quanto à venda dos excedentes da unidade de produção e os empréstimos em banco, quem é o responsável?

AF1-É o marido que vende.

AF2-O marido.

AF3-O marido.

AF4-O marido.

AF5-O marido.

AF6-É o marido.

AF7-O marido.

AF8-O marido.

AF9-O marido.

-Com a entrada de sua unidade de produção no roteiro turístico TI, quais foram às mudanças, com relação ao seu trabalho dentro de sua unidade de produção?

AF1-Mudaram os jardins, e a horta. Meu marido passou a ver a horta e os jardins com outros olhos agora ele acha importante antes ele dizia que era frescura, o importante era ter o que comer e não importava o embelezamento da propriedade.

AF2-Antes não tínhamos tantos jardins daí eu trabalhava sozinha na horta e no jardim agora preciso da ajuda do meu marido.

AF3-O meu trabalho aumentou mas a satisfação também antes não tinha uma horta tão grande, nem jardins e também o pomar ficou mais grande e mais variado.

AF4-Antes trabalhávamos os dois mais na lavoura, agora eu faço o meu serviço e ajudo ele nas vacas mas vou menos na lavoura.

AF5-Meu trabalho aumentou com questão dos jardins e da horta mas agora minha propriedade está mais bonita.

AF6-O serviço mudou totalmente antes trabalhava na lavoura e com as vacas de leite, agora trabalho na agroindústria, na horta e no jardim.

AF7-A horta, os temperos e os chás ganharam uma nova importância dentro da propriedade.

AF8-O trabalho mudou com relação ao trabalho com os jardins, horta e pomar, que antes eram mais rápidos já que eram pequeno, nos comprávamos as flores na floricultura e plantávamos, quando queríamos enfeitar o jardim, mas vinha outra época, mais fria ou mais quente e tínhamos que comprar novamente por que elas morriam, agora plantamos flores típicas da nossa região e trocamos espécies com as vizinhas daí nosso jardim.

AF9-A questão mesmo do trabalho em volta de casa e na preparação para as visitas.

-O que vocês podem citar de mudança em relação a vocês, à antes da TI e agora?

AF1-Muitas mudanças, com relação à estética, minha propriedade está mais bonita, e com relação a produção que a horta agora produz muito e com muita diversidade sem defensivo.

AF2-Antes não era tão conhecida como hoje não tínhamos tantos amigos e quase não saíamos de casa íamos para a cidade nos filhos e em alguns parentes tínhamos semanas que não tínhamos o que fazer, agora temos a agenda lotada.

AF3-Antes era só o serviço em casa e na lavoura saíamos pouco de casa mas agora falta tempo para fazer tudo que precisaria, temos planos para nossa propriedade.

AF4-Na minha propriedade mudou muito, temos mais qualidade de vida, nos alimentamos com o que produzimos e sem tantos agrotóxicos, nos saímos de uma cultura que usava muito agrotóxico e agora estamos cultivando tudo sem nenhum veneno, acho que é uma grande mudança. Produzimos em casa e vendemos em casa também não precisamos nos preocupar com o que fazer com o excedente de nossa produção temos mercado garantido e sem sair de casa. Os dias também são diferentes nos reunimos uma vez por mês para fazer o balanço do mês e contar como foi nosso mês isso é gratificante, além de quando há visitas vemos pessoas diferentes, fazemos muitas amizades.

AF5-Mudou os jardins a horta e o pomar que antes não era tão grande, a alimentação com menos agrotóxicos e receitas variadas.

AF6-Muita coisa mudou, com relação a alimentação que hoje podemos dizer que tem mais qualidade, comemos o que plantamos na maioria das vezes, fazemos nosso próprio alimento, a renda da propriedade tomou outro rumo, os dias tornaram-se mais alegres com a vinda de novas pessoas ao nosso cotidiano, novos temperos e chás foram incrementados a alimentação da família.

AF7-A minha autoestima, antes eu ficava sempre em casa, e quase que não saía, não via ninguém de diferente, agora saímos todo mês para nos encontrarmos e quando tem visitas recebemos muitos elogios, senti que posso ser muito útil em minha propriedade que posso fazer a diferença, posso ganhar dinheiro com coisas que antes nem imaginava.

AF8-Mudou a rotina da propriedade, antes sem muita movimentação, quase que sem vida, os dias sempre parecidos e o trabalho sempre o mesmo, agora fazemos mais coisas e nos gratifica ver nossa propriedade bonita e autossustentável.

AF9-Mudou a questão da alimentação, do uso de agrotóxicos, o trabalho em volta de casa, e o olhar com relação aos jardins da propriedade que antes não eram tão levados em conta, o meu marido costumava dizer que “flor não se come”, “isso não dá lucro”, “planta alguma coisa que preste” e agora ele até ajuda a plantar e cuidar

-Qual é a sua opinião entre trabalho masculino e trabalho feminino na propriedade rural? Tem diferença para vocês?

AF1-Tem alguns serviços o meu marido não faz e outros eu não faço, mas muito vai de ter quem faz, por exemplo, se eu fosse sozinha teria que fazer e assim com ele também.

AF2-Tem coisas que eles até fazem, mas não fica a mesma coisa, além de reclamarem.

AF3-O trabalho pode ser feito por qualquer um basta se dedicar.

AF4-Acho que tem coisas que eles não querem fazer por que sempre fazemos, mas se não tem quem faz eles teriam que fazer.

AF5-Eles podem fazer tudo que nós fizemos se se propuserem a fazer.

AF6-Tem coisas que eu ache que eles não fazem por vergonha, ou por costume, por que as mulheres sempre fizeram, sempre foi assim.

AF7-Tem diferença por que nós fazemos e eles estão acostumados com isso, mas acho que todos podem fazer de um tudo é só querer.

AF8-Muito vem do costume de que a mulher é responsável pelo serviço da casa e o marido da roça, então é difícil mudar, mas já muitas coisas eles fazem, como nos ajudarem em alguns serviços, mas é com muito custo só se não podemos mesmo fazer.

AF9-O serviço da mulher pode ser feito pelo homem assim como o serviço do homem pela mulher só não é feito por que tem quem faz, pois na casa onde falta o marido ou a mulher o que fica tem que fazer.

-Seu círculo de amigos mudou após o ingresso na rota? E seu cotidiano agora difere de antes?

No que?

AF2-Sim antes não conhecia tanta gente como agora, tenho amigos em vários lugares do estado e até do país.

AF3-Sim tenho muito mais amigos que antes.

AF4-Sim até entre as vizinhas antes da rota nos conhecíamos só de vista mas agora somos amigas e parceiras.

AF5- Sim muito, antes apenas conhecia as pessoas que residiam ao meu redor, agora conheço muita gente, minha propriedade se tornou importante e eu também. Os dias se tornaram mais felizes a cada nova excursão que é marcada nós ficamos imaginando quem serão as pessoas que virão nos visitar.

AF6-Mudou muito, agora tenho muitos amigos e conhecidos conversam com alguns deles pela internet e eles querem saber como anda minha propriedade, como nós estamos e isso é muito gratificante. Os dias estão mais cheios, não tenho tempo de ficar pensando em problemas tenho sempre coisas novas para fazer.

AF7-sim, tenho amigos e conhecidos que nem sei, às vezes, nas lojas ou nos consultórios sou reconhecida, isso é muito bom, saber que existimos, tenho muito mais amigos que antes e nosso grupo é bem unido isso nos fortalece também.

AF8-sim, hoje tenho muitos amigos que vem aqui em casa e até pelas redes sociais que me mandam novas variedades de flores ou ideias para ampliar minha propriedade.

AF9-sim, antes nem mesmos nós vizinhas nos visitávamos e agora somos muito amigas, temos conhecidos por muitos lugares, eles ligam e falam conosco pela internet, querem saber como estamos, como está indo a rota e torcendo por nós.